



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CLEIDIANE VITORIA SANTANA

**UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR**  
PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER

SALVADOR  
2020

CLEIDIANE VITORIA SANTANA

**UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR**  
**PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Licenciatura  
em Pedagogia da Universidade Federal  
da Bahia, a ser utilizado como diretriz  
de avaliação.

SALVADOR  
2020

CLEIDIANE VITORIA SANTANA

**UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR**  
**PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER**

Relatório final, apresentado a  
Universidade Federal da Bahia,  
como exigência para a obtenção do  
título de Licenciatura em Pedagogia.

Local, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª Sandra Maria Marinho Siqueira  
Universidade Federal da Bahia

---

Profº Drº Vitor Bemvindo Vieira  
Universidade Federal da Bahia

---

Profª Drª Nanci Helena Rebouças Franco  
Universidade Federal da Bahia

*Dedico este trabalho aos membros da classe popular, principalmente aos que se encontram no bairro de Boa Vista de São Caetano e adjacência, especificamente aos participantes do projeto popular lugar de aprender, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho, ou até mesmo a construção do meu comprometimento com a educação e o crescimento da minha afinidade com a classe popular.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos adolescentes, mães e pais (estes abriram seus lares para que aconteça o compartilhamento do conhecimento), do “Projeto Popular Lugar de Aprender” que “pegaram no meu pé” para completar este trabalho aprimorando minhas percepções sobre a classe popular, ajudando-me a “dar nomes aos bois” (nome do projeto e o como chamar o povo dos bairros periféricos).

A todos os membros do coletivo de mulheres do LEMarx – grupo de estudos Angela Davis (GEAD), alguns mais próximos e outros mais distantes, que com suas discussões sobre os mais variados temas que atingem direta ou indiretamente a classe popular, muito me acrescentaram.

À Sandra Marinho que teve paciência com meu processo de escrita, leitura e com minhas inconsistências conceituais, sendo que, desta forma, ajudou-me a entender o quanto sou apaixonada pela classe popular; sendo a responsável pela minha entrada no GEAD, tornando-se minha referência e ousou dizer minha mestra, assim como Sócrates a Platão.

À minha “dupla dinâmica”, Dielson Costa e Joice Vitoria, sem estes não prosseguiria em meus projetos, nem se quer teria convivido com os citados anteriormente ou quiçá faria o curso de pedagogia, pois, um deste é minha força e outro minha inspiração.

À Joice por me levar ao samba (ritmo que historicamente faz parte da cultura popular), mesmo sem que eu quisesse e por reclamar sobre minha rigidez me fazendo deixar “acontecer naturalmente” e a Dielson por diversas vezes digitar meus pensamentos e discuti-los diariamente em momento adequados e inadequados.

À Alvanaide Martins que me incentivou e cuidou de mim no início da minha jornada pela educação, acompanhando-me na prática pedagógica e didática e que também é responsável pelo sentimento que desenvolvi pelo dinamismo que é a educação.

À Olga, professora do Instituto Central de Educação Isaias Alves (ICEIA), que me intrigou com seus métodos e princípios, sendo um destes: O compromisso do educador é essencialmente com o educando. Esta frase mudou minha forma de enxergar o ofício de professora

A todos os autores que deixaram as discussões sobre minhas vivências sem mesmo ter me conhecido, principalmente, Paulo Freire, Mylos Horton, Marx, Gramsci e Angela Davis, que me fizeram sentir parte integrante e sujeito da minha própria educação.

Aos meus ancestrais escravizados que lutaram com ousadia e avidez por liberdade e tornaram possível a entrada do povo negro em espaços que antes seriam somente um sonho! Pretendo continuar seu legado com ousadia e avidez parecidas.

Agradeço a todos em mesmo nível de importância, visto que, sem os tais não seria o ser que sou hoje!

*O impossível é aquilo que ainda não foi feito!*

*Autor desconhecido*

## RESUMO

Esta monografia é uma pesquisa participante com tema associado ao diálogo da cultura escolar e da cultura da classe popular tendo como modelo o projeto popular lugar de aprender, indicando o como estas culturas dialogam e o como a classe popular pode utilizar a ciência como ferramenta facilitadora na rotina diária e assim encontrar um pouco de espaço numa sociedade que exige dos seus uma formação básica acadêmica que pouco serve para a vida prática. Deste modo, respondemos a seguinte questão: em que sentido a cultura popular pode dialogar com a cultura escolar na realidade dos adolescentes do bairro de Boa Vista de São Caetano acompanhado pelo Projeto Popular Lugar de Aprender (PPLA)? Com intenção de abordar esta temática foi realizada uma análise sobre em que sentido a cultura popular pode dialogar com a cultura escolar na realidade dos adolescentes do Projeto Popular Lugar de Aprender, visando apresentar cultura conceituando-a, apontando e, sobretudo conceituando a cultura da classe popular e escolar, estabelecendo relação entre a escola e a cultura erudita. Apresentando também Projeto Popular Lugar de Aprender. Utilizamos como referenciais teóricos principais: Freire, Laraia e Arantes. Este texto foi produzido propositalmente com ditos populares associados a uma hermenêutica considerada acadêmica, a fim de fortalecer o argumento de que é possível a junção das culturas popular e erudita, tornando a cultura erudita uma ferramenta da classe popular, pois considero que o ser humano é mais importante que sua classe ou suas posses, posição política ou qualquer outra coisa.

**Palavras chave: cultura popular, cultura escolar, Educação Popular.**



## **Lista de abreviaturas e siglas**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

GEAD - Grupo de Estudos Angela Davis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICEIA - Instituto Central de Educação Isaías Alves

LEMarx - Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PGPA - Programa de Gestão e Política de Alfabetização

PPLA - Projeto Popular Lugar de Aprender

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UFBA - Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
E A CULTURA, O QUE É? .....	16
A classe popular também tem cultura? .....	20
A escola e a erudição .....	29
PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER .....	37
Perfil dos sujeitos pesquisados .....	42
Ponte entre as culturas.....	45
TRÊS VISÕES E UMALENTE MULTIANGULAR .....	54
Sujeitos sob suas próprias lentes .....	54
Sujeitos sob a lente de próximos .....	59
A SAIDEIRA .....	62
REFERÊNCIAS: .....	66
APÊNDICE: .....	68

## INTRODUÇÃO

*“Seu olho me olha, mas não me pode alcançar”*

*Veloso, Caetano (1995)*

No alto das inúmeras reflexões as quais estive na produção desta monografia, uma delas, era o questionamento, do por que não iniciar esta introdução com esta frase? Ela (a frase) e a canção da qual faz parte é tão completa em si, no que tange seu diálogo com a temática que será aqui percorrida. Nesta, Caetano Veloso, de modo tão intrépido, põe em paralelo, aqueles que fazem parte da cultura popular e assim se reconhecem, com aqueles que não a conhece e a desdenha. A escola nos olha com sua lente e não nos pode alcançar enquanto não aprender a utilizar a nossa lente como referência. E como lente, refiro-me à cultura.

O tema abordado nesta monografia está relacionado ao diálogo que a cultura da classe popular pode estabelecer com a cultura escolar para que os indivíduos desta classe tenham acesso aos conhecimentos historicamente produzidos e sistematizados pela humanidade que facilitam a sobrevivência e lhes dão possibilidades maiores num mundo que é internacionalmente capitalista. Existe uma dualidade entre ambas as culturas citadas neste trabalho, criada pelo olhar panorâmico a respeito do conceito de cultura e sua associação com a erudição, sendo a cultura erudita a dominante e privilegiada no Brasil e a escola guardiã e transmissora desta. A tal dualidade forma um aparente abismo entre a escola e a classe popular a qual tem como sua lente a cultura popular, que é marginalizada e vista como a ser superada. Para estabelecer este diálogo, será apresentada a cultura da classe popular, sua historicidade, comportamentos dos indivíduos, entre outros, assim como a cultura escolar seus objetivos e história, procurando pontos de cruzamentos que possam ser úteis na fusão das duas culturas.

Pensando nisso, início o projeto popular Lugar de Aprender no bairro de Boa Vista de São Caetano, no qual procuro pontos que facilitem o entendimento dos integrantes da classe sobre a cultura escolar, falando sobre a relevância da escola para o sistema e da importância do conhecimento da

sua própria cultura para a vivência diária no bairro, agregando assim uma lente multiangular e transitória, em que o indivíduo pode escolher qual lente vai usar fazendo a leitura do espaço que esteja. Então passei a ter inúmeras inquietações que me moveram a seguinte pergunta: **Em que sentido a cultura popular pode dialogar com a cultura escolar na realidade dos adolescentes do bairro de Boa Vista de São Caetano acompanhado pelo Projeto Popular Lugar de Aprender (PPLA)?**

A fim de responder esta pergunta, os principais referenciais teóricos estão dispostos na seguinte composição: a fim de conceituar cultura foi feito um diálogo entre as ideias de Gramsci (2017), Arantes(1990), Laraia (2009) e Aranha (2009) a partir da definição do conceito de Cultura e dos autores Marcos Bagno(2016), e Paulo Freire (1979, 1998, 2006, 2018) alicerçou-se a conceituação sobre cultura escolar e cultura popular e por fim, Demerval Saviani (2011) agregado a concepção de cultura escolar.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar em que sentido a cultura popular pode dialogar com a cultura escolar na realidade dos adolescentes do bairro de Boa Vista de São Caetano acompanhado pelo Projeto Popular Lugar de Aprender (PPLA), e como objetivos específicos, apresentar cultura conceituando-a, apontar e conceituar a cultura da classe popular e escolar, estabelecer relação entre a escola e a cultura erudita, apresentar o projeto popular lugar de aprender ajustando-o com os demais objetivos.

Diante do que ouvi sobre o fracasso escolar fadado a escola pública e da classe popular, das discussões que colocam essa classe numa posição de vítima indefesa, desconhecadora do seu potencial. Além de padecer de um problema criado historicamente por quem não faz parte da classe, da qual esta deve buscar sua superação através de instrumentos que não estão familiarizados, como por exemplo, um aprendizado da teoria para prática (na escola), o que é diferente do que ocorre no cotidiano da classe popular, que adquire conhecimento através da experiência, além disso, a teoria ensinada na escola não revela a realidade vivida pela classe popular, o que torna o aprendizado mais dispendioso, tendo em vista, que o estudante tem que analisar situações das quais não conhece e não se aplicam a seu viver diário,

tornando o estudo algo apenas ficcional, perdendo completamente o sentido, por perder a sua aplicabilidade real. A escola, especificamente a escola pública, responsável pela familiarização destes instrumentos, não alcança com sucesso o fim para que lhe foi dado, pois, se depara com o choque entre o que precisam ensinar e a dura realidade dos que a compõe, e para não levar a culpa desse fracasso, responsabiliza o indivíduo tomando como referência as poucas histórias de sucesso através da erudição.

Por este motivo e por ser parte da classe, quis estabelecer este diálogo em relação ao processo educativo entendendo que o profissional, tem acesso ao estudo produzido sobre ambas as culturas. Sendo a autora da presente pesquisa, profissional da educação, com a oportunidade de ter atuado em sala de aula antes de cursar pedagogia a partir do curso de magistério, qual experiência considero benéfica, por me despertar uma visão política e social da educação, visão esta aprofundada com o curso de pedagogia, interessei-me pelas crianças e adolescentes no bairro, que tinham dificuldade com a convivência que a escola lhe propunha e me dispus a mediar o relacionamento desses com o conhecimento científico.

Esta iniciativa tomou grande proporção e se tornou um projeto em que é visível a participação assídua e intensa dos membros, é notória a curiosidade e a integração entre crianças e adolescentes que compartilham de privações semelhantes tanto na vida prática quanto na vida acadêmica, o que por si só, aproximam-me destes, por compartilhar de dificuldades tal, o que me põe como igual aos integrantes do PPLA e não como uma “superior”. Tal semelhança faz com que estes pesquisem através de instrumentos que lhe são acessíveis, tendo como referência aquele que tiver maior nível de apropriação do assunto debatido. Através da integração conectam saberes a partir da prática social, como por exemplo, diminuem bastante a quantidade de consumo de doces, quando a diabetes passa a ser o assunto principal, deste assunto se estuda as consequências, causas, conectando a temas interligados como a indústria alimentícia e farmacêutica, involuntariamente há uma familiarização com o vocabulário do tema, melhora na leitura e na própria alimentação, entre outras aprendizagens.

O diálogo entre as duas culturas, empodera os adolescentes da classe e leva-os a não se sentir inferior em relação à academia, sonhando em completar o ensino superior em universidades públicas, mesmo que, por hora, não queiram exercer a profissão que desejam estudar. A relevância social desta monografia está no ato de compreender que há um distanciamento entre a escola e a cultura da classe popular. Estabelecendo direções que podem contribuir para o processo pedagógico, valorizando e agregando não só o conhecimento de cultura dos bairros periféricos, mas, inserindo de modo direto ou indireto os indivíduos que ela representa e que a representa.

A oportunidade de viver estas experiências moldou minha práxis nos estágios feitos durante o curso de pedagogia (todos em escola pública) e com os integrantes do PPLA, a percepção desta mudança me conduziu ao pensamento da possível existência dessa relação cultural (escolar e popular) na prática pedagógica de forma intencional. Esta monografia é a materialização desse pensamento.

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório visando encontrar o ponto de intercessão entre a cultura da classe popular e a cultura escolar, numa abordagem qualitativa. Dentre as diversas formas que a pesquisa qualitativa assume o método de procedimento a ser utilizado será a pesquisa participante. De acordo com a concepção de Grossi (1981), a pesquisa participante busca o envolvimento da comunidade e do pesquisador na análise de sua própria realidade e se desenvolve a partir da interação entre pesquisador e membros das situações investigadas. Entende-se assim, que desta maneira haverá a correta compreensão das obras já desenvolvidas na área e a exploração coerente da realidade empírica necessária para a análise neste trabalho. No PPLA, a pesquisa será feita especificamente com cinco adolescentes entre 12 e 17 anos, moradores do bairro de Boa vista de São Caetano observados no período do segundo semestre de 2019. O estudo se consolidou através da observação dos sujeitos e um questionário respondido pelos adolescentes e responsáveis, sendo o segundo instrumento utilizado para a análise de dados.

Estruturalmente a monografia está dividida em introdução e três capítulos com dois subcapítulos em cada. Houve ainda uma inserção de uma música

que aborde a questão tratada ao longo do capítulo, de modo direto ou indireto. O primeiro capítulo é denominado “E a cultura, o que é?” que tem por objetivo conceituar o termo cultura e apresentar em seus subcapítulos a cultura da classe popular e a cultura escolar. O segundo capítulo, intitulado, “Projeto Popular Lugar de Aprender” descreveu a iniciativa de um projeto que visa dialogar com as duas culturas supracitadas, este possui dois subcapítulos que discorreu sobre o perfil dos estudantes pesquisados e a ponte que há entre essas culturas. Por fim, o terceiro capítulo designado “Três visões e uma lente multiangular” tratou-se das reflexões coletivas, que encerrou o trabalho, através das impressões dos pesquisados, seus responsáveis e pesquisadora. Explicitamente, que ao longo da construção da pesquisa, outros aspectos foram evidenciados.

## E A CULTURA, O QUE É?

*“Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora”*

*Jorge Aragão*

Este capítulo tratará da terminologia “cultura” e sua inerência ao ser humano e de forma mais específica abordará a cultura da classe popular, seus aspectos, sua historicidade e seu modo de vida assim como da cultura da escola abordando o como esta deixa a primeira em detrimento. Estes assuntos serão tratados em dois subcapítulos, são eles: “A classe popular também tem cultura?” e “A escola e a erudição”.

Neste trabalho para conceituar cultura faremos um diálogo entre Aranha (2009), Gramsci (2017), Arantes (1990) e Laraia (2009). A fusão entre as concepções a respeito de cultura dos autores supracitados leva-nos a concluir que estes concordam que a cultura é uma produção humana, ou seja, tudo que foi produzido em sua existência, é a ótica que utilizamos para enxergar o mundo e que se aprende através da convivência.

Laraia (1986), em sua obra *“Cultura, um conceito antropológico”*, define cultura, como a “lente pela qual o homem enxerga o mundo”. A partir desta ótica, é possível estabelecer uma conexão entre cultura popular e cultura escolar, usando pontos para que essas culturas dialoguem entre si. Sobre a cultura popular Arantes (2006) expõe:

Pensar a “cultura popular” como sinônimo de “tradição” é reafirmar constantemente a ideia de que a sua Idade de Ouro deu-se no passado. Em consequência disso, as sucessivas modificações por que necessariamente passaram esses objetos, concepções e práticas não podem ser compreendidas, senão como deturpadoras ou empobrecedoras. Aquilo que se considera como tendo tido vigência plena no passado só pode ser interpretado, no presente, como curiosidade. Desse ponto de vista, a “cultura popular” surge como uma “outra” cultura que, por contraste ao saber culto dominante, apresenta-se como “totalidade” embora sendo, na verdade, construída através da justaposição de elementos residuais e fragmentários considerados resistentes a um processo “natural” de deterioração. Justificam-se, portanto, aos olhos desses teóricos, as tarefas de seleção, organização e reconstrução da “cultura popular” que os ocupantes dos lugares de poder da sociedade atribuem a si próprios. (Arantes, 2006, p. 19-20)

A classe popular costuma utilizar-se da oralidade em seu cotidiano e a cultura escolar em uma sistematização baseada na escrita e na hermenêutica.



Um conectivo que pode ser utilizado é o uso da oralidade para sistematizar conhecimentos, com uma posterior produção textual sistematizada.

A cultura é uma categoria polissêmica carregada de vários sentidos. Cultura pode ser entendida na relação com as crenças, valores, tradições, falas, expressões artísticas, religiosidade e principalmente a forma de relacionar-se desde pequenos a grandes grupos sociais, por isso, podemos levar em consideração que isso pode ser importante para o desenvolvimento de novas metodologias específicas de ensino. Para Gramsci, no dicionário Gramsciano de Liguori e Voza, cultura é:

(...) um conceito extremamente móvel e, por assim dizer, irrequieto, no sentido de que tende a transbordar para âmbitos categoriais diversos que, por outro lado, ao contato com ele, adquirem novo valor. (LIGUORI e VOZA, 2017, p. 171)

Os elementos culturais presente em nossas ações sejam elas coletivas ou individuais são fruto de nossa herança cultural, e esta é quem nos identifica, ou seja, é possível perceber a que grupo social pertencemos a partir de algumas características como o modo de agir, caminhar, vestir, comer ou até mesmo nossa expressão física tem relação direta com a nossa cultura. Embora, tudo isso pareça facilmente perceptível, é necessário destacar que ninguém participa de todos os elementos culturais, pois, existem impedimentos cronológicos ou estritamente culturais. Uma criança não pode ser participante de alguns elementos da cultura, bem como, um indivíduo de uma determinada localidade não necessariamente é participante de uma religião local. Mulheres em algumas culturas acabam “sofrendo” uma rigidez de gênero, como a acentuação da obrigatoriedade de atividades domésticas por convenção social, mas, participam em pontos culturais em comum com os homens. Religiosos de segmentos distintos e que habitam em determinada região, terão um ou outro elemento de similaridade entre indivíduo e indivíduo, que é fruto de outros pontos da cultura.

Se partirmos do conceito de que a cultura é um “conjunto de símbolos elaborados por um povo” (ARANHA, 2009) e que os símbolos são uma forma de comunicar-se com o mundo, é necessário apresentar quais são os signos da cultura da favela. A título de exemplo, a forma da classe popular se relacionar com os animais de estimação é extremamente diferente das

relações da classe média, se vê explicitamente com os passarinhos que criam uma rotina e práticas próprias para o seu animal. Deste modo inculcam conhecimentos sobre a espécie (alimentação, hábitos e reprodução) e se encontram, sem intenção, durante o horário de passeio – geralmente no início da manhã – e conseqüentemente trocam informações sobre o cuidado com os passarinhos.

O modo de se relacionar com os animais, a vizinhança, a família, com estabelecimentos comerciais, religiosos, com o transporte, com o trabalho, com os bens (carros, casas, eletrodomésticos, alimentos) é peculiar, próprio do povo morador dos bairros de classe popular, pois, as necessidades do cotidiano os fazem estabelecer prioridades, como por exemplo, valorizar o trabalho manual como fundamental a sobrevivência, numa casa com mais de um filho acima dos dezesseis anos, quem trabalha geralmente não precisa cozinhar e limpar, porém é responsável pela organização dos seus pertences e tem a responsabilidade de ajudar financeiramente em casa; mesmo que não precisem fazer, estas pessoas têm em si a imposição cultural do “saber fazer”, uma vez que é visto como um absurdo não ter a habilidade de varrer a casa ou fritar um ovo, fazer feijão ou arroz.

Homens e mulheres de mãos macias e de unhas grandes são chamados de preguiçosos, justamente pelo fato da cultura ser centrada no trabalho manual, subentendendo que tal indivíduo “tem tudo na mão”. O vizinho que possui veículo e não presta socorro ou em casos de deslocamento imediato e necessário (dar carona se vão para localidade semelhante), é visto com maus olhos.

Outra coisa é a forma de se relacionar com o comércio, o código de defesa do consumidor não funciona nos estabelecimentos cujo os proprietários são moradores do próprio bairro, os mercadinhos são chamados pelo nome ou apelidos dos donos e vendem “fiado” aos que são conhecidos pela sua honestidade. O horário de abertura e fechamento é de acordo com o comportamento da comunidade e da época do ano; além dos vendedores de porta em porta que passam com diversos produtos barateados, um deles é a franquia do milho.

Os animais, como cachorro e gato, são de cuidado coletivo, no qual os vizinhos também participam dos cuidados. No bairro popular gato tem dono, mas não tem casa, diz que “ninguém prende gato, gato é animal livre”. Cães de raça indefinida, chamados vira-lata, podem sair e voltar a hora que “quiserem”, exceto a noite, faz parte da vizinhança, geralmente são alimentados com as sobras do alimento de seu dono.

Existe uma prática corriqueira no bairro popular, “o dia de bater a laje”, neste dia os vizinhos se reúnem entre 5h e 7h da manhã, “batem a laje”, logo depois ao som de músicas animadas, bebem cervejas e comem a feijoada, que serve como pagamento pelo serviço prestado. Há também os grupos que frequentam os largos diariamente, para os jogos apostados (dominó, baralho, dama, dado...) dentre outros.

A herança cultural é resultado de todo o processo histórico acumulado ao longo do tempo e do presente através das múltiplas ações, tradições e oralidades de uma sociedade. No entanto, ela sofre alterações por diversos motivos, como o contato com outras culturas ou devido a necessidade dos indivíduos. Os mais variados povos tiveram que se adaptar a novas realidades após invasões de outras nações e a novos desafios que a história lhes impôs, uns adaptando-se, outros como bem afirmou Laraia (2009), chegando a apatia cultural, rechaçando em partes ou em toda a cultura que faz parte. Não obstante, o comportamento mais comum é o etnocentrismo, que é o ato de impor-se como superior a outra cultura, algo que é habitual pois, lemos a partir de nossa lente de mundo (nossa cultura). Por isso é comum a crença que a própria sociedade que fazemos parte é o centro da humanidade, sua única expressão ou superior a outras.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. (LARAIA,2009 p. 72-73)

Os indivíduos nascidos em uma comunidade popular em sua maioria crescem convivendo com a necessidade de trabalhos manuais, com necessidades imediatas e pela busca por questões que proporcionem a sobrevivência de sua família. Enquanto, entre as “classes superiores”, este

cenário costuma ser diferente, há mais tempo para o desenvolvimento cognitivo, pois, em relação às questões domésticas e de sobrevivência cotidiana estão sobre o cuidado de alguém da classe popular e em razão disto os indivíduos possuem mais tempo, além disso, possuem a possibilidade de ambientes mais propícios para participarem da intelectualidade. O desenvolvimento e a manutenção da cultura popular são centralizados no trabalho, enquanto das “classes superiores” no desenvolvimento intelectual. Há, portanto, historicamente uma apatia cultural por parte da classe popular que sofre um processo etnocêntrico por parte das “classes superiores”, processo que discorreremos a seguir.

### **A classe popular também tem cultura?**

Ora, se o ser humano é dotado de cultura e se este formata a cultura a seu redor a partir de ações micro, macro, específicas ou coletivas; e a classe popular é de certo modo, particularmente composta por indivíduos com características distintas de outras parcelas da sociedade, seja devido a suas vivências, experiências ou necessidades imediatas, logo é preciso tratá-la com o cuidado que lhe cabe nesta temática. Não se trata, de uma simples cultura apartada da brasileira, mas, antes é a própria cultura nacional em sua especificidade particular dos bairros populares, guetos e comum entre as classes menos privilegiadas economicamente da sociedade e este subcapítulo tratará deste ponto argumentativo.

Assim como Laraia (2009), Werneck (2008) define cultura de modo bastante similar, para ela cultura é o “modo peculiar de relacionar-se com o meio ambiente e o meio social”, sendo assim uma identidade do sujeito com a qual se sente agentes ativos de participação do seu local, podendo interferir na resolução de problemas do seu meio com conhecimentos que foram fundidos em seu ser durante sua formação humana. A partir deste conceito pode-se afirmar que a classe popular tem sua própria cultura, pois, possui sua identidade como povo.

Apesar do povo “favela” serem identificado por sua cultura, há um estigma em relação a essa identidade por parte dos poderes públicos e daqueles que culturalmente fazem parte de um padrão de urbanização, que reverbera nos

moradores dos bairros populares rejeitando esse termo junto com seus significados. Numa pesquisa realizada em Acari (favela do Rio de Janeiro) por Leticia Freire (2008), mostra a opinião de uma agente comunitária sobre o termo em questão:

Em uma das reuniões com os moradores das quais participei, uma agente comunitária tentava a todo tempo convencê-los de um certo sentido de “favela”, afirmando que “favela é um lugar onde ninguém respeita o espaço de ninguém, com um monte de barracos juntos, ‘puxadinhos’... onde o morador não entende nada de espaço” (...) Assim, tentava-se, muitas vezes com sucesso, sobrepor aos moradores a concepção negativa de favela como local da desordem urbana, em que predomina a ausência de normas e limites, e onde o público e o privado se confundem. (FREIRE, 2008, p. 101)

Portanto, quando discorremos a respeito de cultura popular, estamos nos referindo a uma cultura resistente a cultura dominante que há anos a fio, busca manter sua supremacia sobre a classe popular. Deste modo, referimo-nos então, a um povo que mantém suas raízes firmes, e estas são então fixadas através de suas ações práticas no cotidiano, que definimos aqui como “cultura popular”, como bem aborda Ferreira Gullar in Arantes (2006):

Quando se fala em cultura popular, acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país. Trata-se, então, de agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, estendê-la, aprofundá-la. O que define a cultura (...) é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação, como de transformação social (...) Cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária, um tipo de ação sobre a realidade social. (ARANTES, 2006, p. 54)

Igualmente em Salvador, há uma mesma visão sobre o termo pelos que tomam decisões dos espaços públicos, e pelo currículo escolar, quando durante o processo de escolarização da educação básica tentam aparentemente priorizar a educação com base na meritocracia e no discurso de ascensão social, através de uma “entrada” no Ensino Superior e incentivando a saída individual da favela para espaços urbanizados, como prêmio da meritocracia, o que em suma nada disso costuma ocorrer na grande maioria dos casos, responsabilizando unicamente o sujeito pela sua condição de marginalizado para o sistema e reafirmando o estigma “quem mora em favela é um povo inculto” – como se somente a cultura da classe dominante fosse cultura –. Desconsiderando, todo o contexto cultural existente que como outrora falamos, relega a classe popular a uma luta desde muito cedo pela

sobrevivência, o que torna a escola ora como ocupante do tempo que seria necessário para a busca desse objetivo ou como desinteressante pois, seus conhecimentos em sua maioria são irrelevantes para as necessidades imediatas. Manacorda (2008) apresenta o conceito de intelectual orgânico, cunhado por Gramsci, que nada mais é do que aquele intelectual que se mantém ligado à sua classe originária, este pode ser identificado até mesmo como um trabalhador manual, diferindo-se do intelectual tradicional que ao longo do tempo cristalizou-se em uma casta.

O estigma que impõe a ideia que a classe popular é inculta, dentre outras coisas, surgiu por causa da relação equivocada que se faz entre o ser culto e o “falar bem”, ou seja, falar se utilizando das normas gramaticais enrijecidas do português, como o apresentado a seguir:

Para começar, quando alguém diz que uma determinada norma, que uma determinada maneira de falar e escrever é culta, automaticamente está deixando entender que todas as demais maneiras de falar e de escrever não são cultas - são, portanto, incultas, com todos os sentidos possíveis capazes de se abrigar por trás da palavra inculto. "rude", "tosco", "grosseiro", "bronco", "selvagem", "incivilizado", "cru", "ignaro", "ignorante" e por aí vai e vai longe... (Bagno, 2016. p. 77)

Deste modo surge uma equivocada conceituação terminológica, o ser inculto é utilizado para se referir a pessoas que não “falam bem” (conforme a norma culta da Língua Portuguesa), no entanto, o termo inculto, significa “sem cultura”, vejamos o que é apresentado por Bagno a seguir:

A questão, como bem sabemos, é que no senso comum só se considera culto aquilo que vem de determinadas classes sociais, as classes sociais privilegiadas. Quando dizemos que uma pessoa é muito “culto”, que tem muita “cultura”, estamos dizendo que ela acumulou conhecimentos de uma determinada forma de cultura, uma entre muitas: no caso, a cultura baseada numa escrita canonizada, a cultura livresca, a cultura que é fruto da produção intelectual e artística valorizada pelas classes sociais favorecidas, detentoras do poder político e econômico. (...). Novamente, podemos perguntar: culto e popular são antônimos? Ou, mais grave ainda, popular e inculto são sinônimos? Na definição de povo só entram as pessoas que não pertencem às classes sociais privilegiadas? O povo brasileiro são todos os 170 milhões de pessoas que vivem aqui, ou “somente” os 135 milhões que têm pouco ou nenhum acesso aos direitos civis, aos bens sociais, à educação, à moradia, ao lazer, ao consumo, a uma alimentação digna etc.? Existe cultura sem povo? Existe povo inculto? Já vimos que não. Mas numa sociedade extremamente (e desigualmente) dividida como a nossa, o adjetivo popular é muitas vezes usado com conotações pejorativas, depreciativas, para indicar algo de menor importância, de menor valor na escala de prestígio social. (Bagno, 2016. p. 77)

Historicamente podemos compreender como o etnocentrismo sofrido pela classe popular e sua cultura foi sendo desenvolvido ao longo do tempo no Brasil. Desde o Brasil colônia uma elite foi desenvolvida, voltada quase que inteiramente a administração de latifúndios e onde “seus filhos” eram capacitados a perpetuarem o *status quo*, enquanto isso milhares de pessoas eram relegadas a viverem de trabalhos manuais, nas senzalas e cortiços pelo país. Tudo isso acaba desencadeando a perenização desse sistema que é *sine qua non* para a divisão de classes atual e para as características culturais citadas outrora, que mantém o trabalho como o eixo estruturante e modificador da cultura popular. Há, portanto, uma diferenciação entre as classes que é fundamental para a manutenção desta, o tempo, necessidade e energia despendido pelos trabalhadores em seus serviços, os obriga a se colocarem como subalternos e muitas vezes imediatistas em suas ações. Essa diversificação e dicotomização é apresentada por Santos (1983):

Uma das características de muitas das sociedades contemporâneas, inclusive a nossa própria, é a grande diversificação interna. A diferenciação básica decorre do fato de que a população se posiciona de modos diferentes no processo de produção. Basicamente há setores que são proprietários das fábricas, fazendas, bancos, empresas em geral, e há aqueles que constituem os trabalhadores dessas organizações. Quando se fala sobre classe social é frequentemente a respeito dessa diferenciação que se está fazendo referência. Essas classes sociais têm formas de viver diferentes, enfrentam problemas diferentes na sua vida social. (Santos, 1983 p. 51)

O fato de certos aspectos do modo de vida da classe popular, como linguagem corporal e verbal, culinária, entre outros, serem considerados na escola como “fora do padrão”, sendo a escola o local onde se aprende o modo “correto” de ser para ter um “futuro melhor”, logo, os indivíduos da classe popular se tornam, marginalizados, por conseguinte criando resistência naturalizada entre a classe e a escola e conseqüentemente a tudo que é resultado de sua produção. Distanciando o conhecimento científico que faz parte da cultura escolar, da cultura da classe popular dando ao conhecimento características negativas como invasivo e “chato”; de outro lado essa resistência distorce as pesquisas produzidas pelas universidades pois há uma mudança de comportamento gerado pelo estranhamento ao diferente. As possibilidades objetivas e subjetivas para um pesquisador dessemelhante da comunidade são mais dispendiosas e requerem um nível de envolvimento

cultural acentuado na parcela de tempo exigida para sua pesquisa. Por se tratar, de algo bastante particular, há pesquisadores que conquistam essa proximidade e outros que não conseguem se aproximar da cultura popular, gerando assim visões bem associadas a realidade popular e outras com um certo nível de distanciamento.

Deste modo, se o pesquisador já faz parte da comunidade estudada, o envolvimento já existente e conhecimento de causa, podem tornar-se facilitadores do processo de pesquisa. No entanto, é bom ressaltar, que isto não dispensa a necessidade do pesquisador da busca de um certo distanciamento do seu objeto de estudo, o que também é bastante particular.

As pesquisas feitas sobre a classe popular, frequentemente a traz como problema que precisa ser resolvido. Pesquisas que apresentam como problema o comportamento, a reprovação reincidente e a evasão escolar, trazem como foco as condições objetivas, aplicação de novas metodologias, questões familiares – que são relevantes para produção de conhecimento –, mas não levam em conta o conhecimento sobre a cultura da classe pelo educador e de como o conhecimento científico, por estar distante da realidade do estudante se torna enfadonho. Nota-se que muitos pesquisadores acabam perpetuando o estigma que “culto” são aqueles que “falam bem”:

E os pesquisadores que têm utilizado o termo culto para qualificar um determinado grupo de falantes, para classificar os brasileiros com escolaridade superior completa e vivência urbana, se deixaram levar por esse mesmo jogo ideológico – eu inclusive, em vários trabalhos anteriores (Bagno, 2000; 2001), até ser questionado por pessoas mais atentas e que sofriam na pele o estigma de não serem classificadas de “cultas”... Por outro lado, muitas vezes, para tentar designar as variedades linguísticas usadas pelos falantes sem escolaridade superior completa, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades, aparece frequentemente na literatura linguística a classificação língua popular, norma popular, variedades populares etc. Cria-se com isso uma distinção nítida entre norma culta e norma popular. (Lucchesi, 2002 in apud. Bagno, 2016. p. 77)

A cultura pode ser entendida na relação com as crenças, valores, tradições, falas, expressões artísticas, religiosidade e principalmente a forma de relacionar-se desde pequenos a grandes grupos sociais, por isso, podemos levar em consideração que isso pode ser importante para o desenvolvimento de novas metodologias. Existem muitos elementos que compõe os saberes



pedagógicos e saberes didáticos para a prática docente eficiente, entre estes estão o saber histórico-social, filosófico, de psicologia, da formação da sociedade, entre outros; um desses elementos é a cultura. Com o conhecimento da cultura, o educador poderá extrair, por exemplo, de forma intencional dentre outras coisas, comportamentos e linguagens para constituir sua performance em sala de aula, facilitando a transferência da linguagem acadêmica para a linguagem popular a fim de minimizar o ruído na comunicação com intuito de encorajar o interesse dos estudantes e influenciá-lo a imiscuir-se na turma, nas discussões e nas produções coletivas e individuais. Pode-se observar também, estrategicamente, a vivência e relacionamento entre os membros da cultura, para que ao longo do tempo, durante a convivência de modo tático possam ser feitas interferências, de forma engenhosa, através das ciências, por entre questionamentos, em tradições que diante de um ponto de vista pedagógico, esteja comprometendo o desenvolvimento cognitivo, e de um ponto de vista social atribuindo privilégio a alguns e negando direitos a outrem.

Esta relação está repleta de pontos a ponderar e por este motivo revela complexidade tornando a entidade de ensino refém de uma dicotomização – Ciência X cultura popular – dificultando cumprir o objetivo da relação de aprendizagem entre educador e educando. Atentemos às palavras de Werneek:

A pluralidade e diversidade das ciências não se opõe ao progresso da ciência. A ciência e a tecnologia buscam o que pode ser globalmente aceito. Embora possam elas adaptarem-se às características de cada povo, de cada cultura fundamentam-se sempre no que se apresenta como necessário para todos. Complexa é então a posição da instituição de ensino, tendo que, ao mesmo tempo, promover a ciência e desenvolver a tecnologia que se baseiam no universal, e respeitar e valorizar a produção cultural dos diferentes grupos com os quais vai lidar”. (WERNEEK, 2008, p. 419)

Portanto, conhecer a cultura da classe popular é fundamental para o sucesso do trabalho do professor de escola pública, pois, tal conhecimento possibilita um maior acolhimento deste profissional pela comunidade e eficiência dos métodos aplicados, evitando conflitos que servem para desvalorizar a imagem e desacreditar a profissionalidade docente. A título de exemplo, podemos aludir aos problemas de comportamentos “ditos por desinteresse” dos estudantes, se ao invés de tentar dar aulas, por meses, sem

sucesso, resultando em frustração, desgaste, confronto e afastamento dos estudantes da escola e dos intelectuais tradicionais, porque não incorporar uma performance interessante que seja de admiração dos estudantes?! Isto é, se concentrar em entender as intenções por trás do “mau comportamento” e resolver a partir de atitudes pensadas, curiosas e intencionais como um planejamento de conteúdo, a partir da cultura. Algo do qual Freire (2018) discorre em suas mais variadas obras:

Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas. (FREIRE, 2018, p. 44,45)

E, portanto, para que este estudante da classe popular almeje e alcance objetivos maiores e futuros, faz-se necessário que conheça estruturalmente sua cultura e que através dela seja “lançado a voos maiores”, ou seja, fundamentalmente, se a cultura é um composto sociológico já praticado pelo ser, ensinar a partir de tal, possibilitaria uma maior compreensão. Como bem discorre Schram e Carvalho (2014),

Assim, a educação é compreendida como instrumento a serviço da democratização, contribuindo pelas vivências comunitárias dos grupos sociais, no diálogo, para formar pessoas participantes. A reforma da educação e a reforma da sociedade andam juntas, sendo parte do mesmo processo. (Schram e Carvalho, 2014, p 4)

Deste modo, como assim define Heidegger (1975) “o homem não é o que é, mas é o que não é”. Ora, não somos apenas parte de uma essência, mas também uma composição cultural, e aquilo que pode ser visto como a fraqueza (sua cultura) ou o motivo excludente para uma sociedade ou indivíduo, é exatamente sua força. Como sobre a mesma temática, Aranha discorre a seguir:

É evidente que essa condição de certo modo fragiliza o ser humano, pois não se encontra, como os animais, em harmonia com a natureza. Ao mesmo tempo, o que seria mera fragilidade transforma-se justamente em sua força, a característica humana mais nobre: a

capacidade de produzir sua própria história e de se tornar sujeito de seus atos. (ARANHA, 2009, p. 51)

Não basta uma simples aceitação da cultura ou tolerância às diferenças, mas, a compreensão das causas e crenças que levam a certos pensamentos e/ou atitudes irracionais e malélicas aos membros da própria classe, lançando novas formas de lidar com as situações que precisam ser educadas para uma reflexão do ato, a partir do ato. Assim se utiliza da característica do conhecimento científico que é a observação e a experimentação e até mesmo o possível registro a fim de alcançar resultados benéficos para o humano.

Diante deste contexto a pesquisa de Muñoz, realizada em 1983, discorre a respeito da abrangência do saber da classe popular, compreendendo que a classe popular tem uma visão multiangular, por ter uma relação direta com a classe média e com sua classe, no sentido de ser a mão de obra e de cuidar dos interesses e desejos da classe média e ainda ter uma relação com sua própria classe, ou seja, a classe popular consegue “caminhar” entre as duas classes e acumula em si os dois tipos de experiências. O saber da classe popular desenvolve-se através da experiência empírica, da repetição e das dificuldades impostas a partir de sua necessidade, pois esta exige necessariamente uma percepção das pessoas e padrões sociais, disciplina, habilidade, agilidade e estratégias mentais para alcançar os objetivos que lhe foram dados.

O saber popular enquanto força/poder está sempre presente e atuante, porém se regendo por uma lógica e interesses próprios, a qual às vezes nos surpreende e desorienta, porque seus caminhos não são os nossos. Por outra parte, de tal maneira ele constitui uma força/poder de transformação da sociedade que a presente organização do saber (a qual responde aos interesses dominantes) não lhe concede um espaço, a não ser na medida em que possa cooptá-lo. (MUÑOZ, 1983, p. 30)

Devido grande parte da classe média depender quase que inteiramente da mão de obra da classe popular, faz da primeira desconhedora de inúmeros aspectos necessários para a subsistência caso a segunda não esteja mais disponível para tal e faz da segunda duplamente conhecedora, tanto de sua própria cultura e dos itens para questões objetivas, quanto da cultura da classe média.

Por conta de demandar muito tempo cuidando dos interesses da classe média, a classe popular acaba não cuidando como gostaria de seus interesses. Além dos estigmas impostos, que são absorvidos de maneira individual e que os coloca como incapazes para tal. Uma trabalhadora doméstica convive com a cultura da classe média, e quando se retira deste ambiente, indo para sua residência, continua a trabalhar em atividades domésticas, por existir um padrão social que impõe a ideia de que tais ocupações fazem parte da obrigação feminina. Enquanto isso, a classe média, possui tempo suficiente para sistematizar os conhecimentos, pois não são os domésticos de suas próprias residências. Aqueles da classe popular que conseguem “tempo” para pensarem sobre os interesses de classe se apoiam na própria classe para conseguirem ter a manutenção de suas questões objetivas. Exemplificadamente, um universitário que se dedica integralmente a tal, precisa de um suporte (família, amigos, vizinhos...) para prosseguir nestes objetivos. Podemos notar algo muito similar na fala de um camponês extraída dos cadernos populares in apud por Muñoz

Era muito bom que nós refletisse todas essas coisas sozinhos, depois com mais alguém, depois com mais outros de nossa classe. Eu fiz estas perguntas e esta história para nós mesmo da nossa classe. Não foi para as outras classe não. Cada classe que faça sua história, como eles já têm muitas. ... Classe rica e classe pobre são duas histórias totalmente opostas, diferentes. Se juntar as duas só interessa mesmo ao rico. Por isto seria muito bom que a classe rica nunca visse os pensamentos da classe pobre, para nunca saberem que a classe pobre sabe pensar. Porque eles fazem tudo para a nossa classe nunca se organizar... (FALA DE UM OPERÁRIO Nº2 in apud MUÑOZ, 1983, p. 28)

Apesar dos conhecimentos adquiridos pela classe popular a partir da cultura ser de grande utilidade, a sociedade exige determinados conhecimentos que estão postos no currículo acadêmico a partir de documentos federais constituídos pelos entes públicos sendo assim, os aspectos da cultura popular podem ser usados pelo docente para alcançar as habilidades e as competências específicas para o ensino fundamental citadas na BNCC, como também ajudar os estudantes na compreensão dos objetos de estudo de cada área de conhecimento. Assim é explicitado no parecer do Conselho Nacional de Educação:

Observar forte adesão aos padrões de comportamento dos jovens da mesma idade, o que é evidenciado pela forma de se vestir e também

pela linguagem utilizada por eles. Isso requer dos educadores maior disposição para entender e dialogar com as formas próprias de expressão das culturas juvenis, cujos traços são mais visíveis, sobretudo, nas áreas urbanas mais densamente povoadas (BRASIL, 2010).

Bem como, foi perceptível neste capítulo que a cultura é algo intrínseco ao ser humano e, portanto, presente na classe popular. Sendo assim faz-se necessário também abordar a questão da cultura escolar, pois, se esta é constituída e composta por indivíduos, a inerência é axiomática. Deste modo, o próximo capítulo discorrerá sobre a escola e sua cultura.

### **A escola e a erudição**

Na história da humanidade, que é contada na academia do mundo ocidental, pode-se notar que, a escola foi uma instituição criada com o objetivo inicial de se tornar o lugar do ócio para os filhos das classes economicamente abastadas, aristocracia, em seguida vai se modificando e procurando assumir a função social de educar o cidadão, na convivência da sociedade em que está inserido pelo nascimento, tendo seu fim específico determinado pela perspectiva dos que faziam parte da comunidade escolar.

Na história de Grécia, por exemplo, pode-se observar esta distinção, pois, em Atenas o fim da escola era a participação política e em Esparta a finalidade era militar. Nos tempos helenísticos, os escravos chamados de *pedagogos*, conduziam os indivíduos a escola, em uma relação histórica, pode-se afirmar que o mesmo ocorre nos tempos atuais, uma vez que, constituída, essa profissão, continua a conduzir, desta vez, impelindo os discentes a cultura escolar.

Ao delongar do tempo, esta instituição foi auferindo uma participação ainda mais significativa nas sociedades ocidentais, tendo em vista, que acumulou o conhecimento erudito sistematizado, principalmente ao decorrer da Idade Média, com uma atuação significativa da igreja nesse processo. Sendo assim, nos tempos atuais, a escola possui um poder expressivo, por deter o conhecimento elaborado, possuir uma cultura própria e, sobretudo por socialmente ter quase uma tarefa “messiânica” de transformação social, algo que é cabalmente acreditado e levado à frente por seus integrantes:

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso conhecer também a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia). (SAVIANI, 2011, pg.14)

Não trataremos a escola apenas como uma partícula da sociedade, como se esta fosse apenas aquela, onde diversos indivíduos se encontram e neste local desenvolvem seus inúmeros processos culturais, mas, ao contrário disso, é preciso entender a escola como uma criadora de cultura, não apenas aquela onde diversos pontos culturais se convergem, mas, também um espaço que possui uma cultura própria, um modo *sui generis* de ser e assim através do “poder” que lhe é investido, imprime suas percepções e cultura em seus integrantes.

Compreendendo que a cultura é fruto das produções, processos históricos, relações entre povos e indivíduos, resultando em um conceito multifacetado e de difícil compreensão por estar em constante progressão; os indivíduos, nascem inseridos em uma cultura peculiar em desenvolvimento numa sociedade. No decurso da vida, sofre experiências que lhe molda, afeiçoando também o espaço e pessoas a sua volta e causando impacto na cultura. Todavia, conserva em si, preceitos, o qual esteve exposto durante grande parte de sua vida, mesmo sem perceber, este indivíduo estará sendo guiado pelas lentes da cultura que lhe formou por longos anos. Estes preceitos são os guias das convenções sociais que embora não estejam escritas ou ditadas como ensinamento, se sabe por convivência, visto que,

O importante, porém, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade. Todos necessitam saber como agir em determinadas situações e, também como prever o comportamento dos outros. (LARAIA, 2009, p.82)

A respeito do surgimento da escola, Brandão (2007) apresenta o conceito que a educação ocorre em qualquer lugar, no entanto, em dado

momento da história, a partir da hierarquização social, há o surgimento da escola.

Então é o começo de quando a sociedade separa e aos poucos opõe: o que faz, o que se sabe com o que se faz e o que se faz com o que se sabe. Então é quando, entre outras categorias de especialidades sociais, aparecem as de saber e de ensinar a saber. Este é o começo do momento em que a educação vira o ensino, que inventa a pedagogia, reduz a aldeia à escola e transforma “todos” no educador (...) Em todo o tipo de comunidade humana onde ainda não há uma rigorosa divisão social do trabalho entre classes desiguais, e onde o exercício social do poder ainda não foi centralizado por uma classe como um Estado, existe a educação sem haver a escola e existe a aprendizagem sem haver o ensino especializado e formal, como um tipo de prática social separada das outras. E da vida. (BRANDÃO, 2007, p. 27- 33)

A cultura escolar, no Brasil, se trata de uma tradição que dura desde os tempos dos jesuítas até os dias atuais e está interligada ao objetivo final da escola que pelos documentos oficiais seria formar para cidadania. Compreende então as inúmeras concepções, metodologias, formas de tratamento, atividades, regras, sistema, dentre outros fatores, que formatam o que conhecemos como escola. Teoricamente discorrendo, o objetivo fim da cultura escolar, é promover a convivência do estudante com o conhecimento do sistema vigente, não necessariamente, conhecendo o seu funcionamento, mas, tornando-o apenas parte deste. Basicamente, no Brasil, o marco introdutório do estudante na cultura escolar, é o “aprender a ler e escrever”, estabelecendo as notas a serem alcançadas por seus estudantes, como seu padrão idealizador e seu fim.

A escola não só trabalha a cultura em seus conteúdos como expressão das totalidades de um povo, nação. Pode-se dizer que a escola associa a palavra cultura a conhecimento e estuda o cruzamento das histórias entre os povos a partir da erudição, desta forma, cristalizam o conhecimento cultural supervalorizando a escrita em detrimento das tradições orais e das experiências. Ora se a classe popular tem como base a tradição oral e centra sua cultura no trabalho manual e na experiência dos mais velhos, logo esta é vilipendiada pela escola.

Categoricamente a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade para o exercício da cidadania e sua qualificação para o

trabalho (BRASIL, 1988). Ademais, se a sociedade é parte integrante deste processo, bem como a família, e estas são dotadas de cultura, e o Estado em sua concepção mais genérica, desenvolve documentos oficiais fundamentando a escola, formata-se uma imbricação cultural, que deliberará no que definimos aqui como cultura escolar. A escola não é simplesmente um espaço físico onde os indivíduos misturam suas inúmeras culturas, mas, sobretudo, a escola possui uma cultura própria, resultado de um processo histórico, é também uma “lente pela qual o homem enxerga o mundo”. A escola compreende uma cultura original que se tornou uma das responsáveis pela produção cultural da sociedade, bem como é resultado de um processo cultural dos atores que dela fazem parte. Como discorre Silva (2006):

...parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria. Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo). (SILVA, 2006, p. 202)

A escola pressupõe que os indivíduos de certa idade já sejam conhecedores de alguns saberes, deixando assim de abordar o conhecimento como um processo que não se finda. É inegável que uma aula em curto período não consiga dar conta das peculiaridades dos assuntos abordados ou estimular a curiosidade continua dos estudantes. Embora, a escola seja a responsável por auxiliar na construção do saber sistematizado, frequentemente, ouve-se frases como “você não se interessa, por isso não aprende” ou “esse assunto é da série anterior a de vocês” entre outras coisas, os estudantes são responsabilizados pelo fracasso que a própria escola os impôs, através de seu sistema rígido de apresentação das aulas e notas. A exigência não finda neste ponto, é necessário que os entes sejam organizados, adocicados e conhecedores de seu funcionamento, caso o contrário serão culpados pelo seu processo de aprendizagem fracassado.

Em outras palavras a escola tem um objetivo central que permite a remodelação dos seus objetivos específicos durante o período letivo dependendo do resultado alcançado. O objetivo da escola, no fim, é ensinar. Este verbo transitivo direto que nos leva a pergunta: ensinar o que e para que? Sendo assim, são estas as perguntas que orientam os objetivos específicos



determinados pela ideologia de um país através da lei por isso, talvez a resposta esteja nos documentos de lei que podemos dizer que desenham um mundo ideal e inalcançável para os cidadãos em formação que nem se quer sabem o que de fato o sistema pretende dele. O problema das leis educacionais, a meu ver, está em aparentemente estar preparada somente para o científico esquecendo que o mundo tem realidades diversas e o problema da escola é a comunicação por status, pois, ao invés de comunicar-se com a preocupação de serem entendidos, se comunicam com eufemismo e chamam de ignorantes e coitados aqueles que não entendem e não seguem as regras da academia.

Possivelmente o “fracasso” atribuído à escola pública existe por deixar de lado os fatores externos referindo-se a seu planejamento pedagógico o problema cultural, sem desconsiderar que a condição em que é posta a instituição é a mesma a que seu público alvo está sujeito, além disso, o suposto sucesso das escolas privadas está nas vivências eruditas que seu público seletivo, possui antes de ingressar na escola e durante sua jornada nesta, enquanto que a escola pública de um lado, está carregada da cultura erudita, de outro, composta por um público, não seletivo, que em sua maioria traz em si a cultura da classe popular, e não tem acesso livre aos locais que reúnem os elementos da cultura erudita, por inúmeros fatores que lhe impelem à sobrevivência. Isto posto, nota-se que o processo de escolarização de uma criança da favela, começa com a marca da desigualdade cultural, pois, enquanto a escola destinada a classe dominante dialoga com a vivência de seus estudantes, a escola pública guarda, dentro de seus muros, um conflito cultural. Em muitas situações, a escola pública é posta como um castigo, para aqueles jovens da classe média que porventura, demonstrem “desinteresse” nos estudos.

Assim sendo, comunicar um saber que é incomum a classe popular a partir de sua cultura não é apenas uma concepção de mais uma pesquisadora, mas, antes é um ato de humanidade e de reconhecimento da capacidade reflexiva do sujeito, posto que, cada sujeito traz em si experiências que são transformadas em saberes, pode-se dizer que existem saberes diferentes, ou

relativizados, em vista disto não há saber mais importante ou de mais valia que outros, como bem diz Freire (1979):

O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância. Por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (É preciso saber reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com humildade.) (FREIRE, 1979, P. 15)

Pensar no engajamento da classe popular, em relação à escola implica em pensar novos meios de superação para o conflito cultural, a partir da realidade dos sujeitos componentes que interseccionalizam as culturas, ponderando suas condições objetivas, localidade, tempo histórico, entre outros aspectos, flexibilizando assim, o espaço escolar calhando um diálogo com a cultura local. Destarte ocorrer a modificação cultural, porquanto, é próprio do diálogo que haja uma fundição nos sujeitos que dialogam, nesse caso, entre as culturas popular e escolar. Desse ponto surge a necessidade de molde dos sujeitos que compõem a comunidade escolar, sendo este quem também compõem parte da comunidade do bairro. Desse jeito todo o discurso e as mais variadas formatações existentes na escola, compõe sua cultura, como bem explora Silva (2006), a seguir:

Os indivíduos e suas práticas são basilares para o entendimento da cultura escolar, particularmente no que se refere à formação desses indivíduos, à sua seleção e ao desenvolvimento de sua carreira acadêmica. Dessa forma, os discursos, as formas de comunicação e as linguagens presentes no cotidiano escolar, constituem um aspecto fundamental de sua cultura. (SILVA, 2006, p. 204)

A finalidade da escola está descrita nos documentos de lei destinados à educação, que por sua vez, concede abertura em relação à metodologia aplicada pelo professor, sendo assim, cabe a este usar sua expertise para trabalhar os conteúdos de maneira que englobe a individualidade e o coletivo. Por isso, a cultura seria o meio mais interessante de realizar tal tarefa, pois, está presente tanto na individualidade quanto na coletividade.

Baseando-se no objetivo fim da instituição que é o ensino dos conteúdos relacionados à série e entendendo que a classe popular valoriza a vida prática,

o mais plausível seria o ensino teórico partindo de exemplos práticos e cotidianos. À exemplo disso, podemos citar o ciclo da água e de seu tratamento, utilizando-se do ambiente e acontecimentos momentâneos para explicar a previsão do tempo, teoria de formação do planeta, tipos de solo, camadas da atmosfera, relevo, ciclo do oxigênio, a importância das plantas, entre outros. Além disso, (re)assistimos vídeos e filmes, provocando um outro olhar, baseado nos conhecimentos que acabaram de adquirir, dentre eles, podemos citar, o filme “A Era do Gelo”, no qual é perceptível que o modo que eles passam a enxergar os detalhes apresentados é notoriamente diferente.

Ora, se o conhecimento de cultura e o bom uso desta para o ensino provam-se importante para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, podemos assim, utilizar-se da fundamentação do conceito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a seguir:

Um eixo histórico-cultural dimensiona o valor histórico e social dos conhecimentos, tendo em vista o contexto da sociedade em constante mudança e submetendo o currículo a uma verdadeira prova de validade e de relevância social. Um eixo epistemológico reconstrói os procedimentos envolvidos nos processos de conhecimento, assegurando a eficácia desses processos e a abertura para novos conhecimentos. (BRASIL, 1996, p. 16)

Deste modo parece ser mais plausível utilizar-se da vivência do estudante para, através de perguntas, revelar seus saberes da ciência que é ensinada na escola, a qual se acredita ser necessário lerem centenas de livros por muitas horas até alcançá-lo. Isso demonstra um distanciamento entre a prática e a teoria; apesar da teoria ser extraída da prática, não é o que ocorre na escola. Talvez o que se espera dos estudantes é que acreditem no que dizem os livros e que se interessem pela cultura erudita, por ser considerada o padrão do “homem de bem”, mesmo que o sentido desta, não faça parte da sua realidade e por isso exclui o conhecimento prévio do educando.

Estudar algo novo é como experimentar um “novo prato” diversas vezes e de diversas formas até que o paladar não mais o estranhe. Portanto, é oportuno para o docente que tem o conhecimento da cultura erudita, que este coloque “sobre a mesa” um banquete da mistura de diversas culturas, principalmente a escolar e popular, com ingredientes dados por todos os participantes para que os educandos, junto com o educador, possam apreciar e

aguçar o paladar cognitivo e posteriormente fazerem seus próprios pratos. Pois, assim diz Freire (2018):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 2018, p 31)

Pensar questões do cotidiano, como as colocadas por Freire (2018), se torna muito mais instigante, pois, leva a pensar a aplicação disto na realidade, podendo até sair da esfera teórica para a prática. Além disto, torna-se um exercício mais curioso por lhe conduzir a buscar descobrir sobre outras coisas a sua volta e inclusive procurar conexões entre o conhecimento acadêmico e a cultura popular.

A título de exemplo, alguns estudantes, analisados no projeto que discorreremos a seguir, passaram a assistir o noticiário da manhã e tarde em emissoras diferentes atentando a previsão do tempo, transporte e segurança pública para comparar as informações e a aplicabilidade delas, utilizando-se das notícias para produção textual e dialogar com pessoas de mais idade. O ato de assistir mais de um noticiário é equivalente a pesquisar em várias fontes para constatar, compreender, explicar e, sobretudo agir na realidade externa de forma intencional a fim de estar preparado para as questões do dia a dia, pois, pensar nas causas e consequências auxilia no planejamento das diversas situações do cotidiano.

## PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER

*“Marinheiro, marinheiro  
quem te ensinou a nadar?  
Foi o tombo do navio?  
Ou o balanço do mar?”*

*Clementina de Jesus*

O Projeto Popular Lugar de Aprender, trata-se de um grupo de estudos livre que preza por uma educação libertadora, promotora de autonomia e desenvolvimento intelectual, social e emocional, como esteticamente bem explicita o trecho da música apresentada no início deste capítulo. As atividades são dirigidas pela pedagoga Cleidiane Vitória no bairro da Boa Vista do São Caetano que é uma região do bairro do São Caetano, localizado na periferia de Salvador, e segundo o IBGE (2010) o oitavo bairro mais negro da cidade. Trata-se de uma região habitacional, com comércio mediano, onde muitas vezes, o proprietário é residente local, o bairro costumeiramente “ganha vida” às oito e assim segue até às vinte e uma horas, inicialmente com o frenético movimento de trabalhadores nos pontos de ônibus, estudantes à caminho da escola e abertura de negócios locais. O término das atividades comerciais à noite é seguido de uma continuidade do funcionamento de bares e retorno de moradores de outras regiões da cidade. Entre seus morros, ruas e vielas, encontramos uma população predominantemente pobre, com poucas opções de rede ensino e com um crescente índice de violência. É em seus largos que o comércio e sua cultura própria é mais efervescente e latente, por tratar-se de regiões que os indivíduos se encontram ou realizam festas esporádicas.

A fundação do bairro remete aos tempos de ocupação portuguesa, sendo utilizada diversas vezes como área de passagem de viajantes e retirantes. Após as lutas de independência a região começou a ser lentamente ocupada, a maior parte das terras foi adquirida pelo senhor Renato Schindler e sua família, juntamente com o governo da província da Bahia realizou a reforma da Estrada das Boiadas (atual Avenida Nestor Duarte) que ligava o Recôncavo baiano a cidade baixa. Esta foi de fundamental importância na Independência da Bahia, pois seu interrompimento pelo General Labatut,

cortou o acesso de suprimento para os portugueses, adiantando a vitória dos independentistas.

No início do século XX, o bairro consistia em um aglomerado de trabalhadores que moravam próximo a uma capela em homenagem ao santo católico São Caetano, e moradores que haviam invadido diversos pontos e estabelecido pequenas chácaras ou até mesmo pequenas fábricas de sabão, fumo ou roças de mandioca ou canaviais. Com o passar do tempo, e o crescimento populacional, os próprios moradores passaram a denominar a região: a rua principal passou a se chamar São Caetano em homenagem ao santo padroeiro e a um de seus primeiros moradores o lavrador José Batista Caetano, a Capelinha, ganhou este nome, pois era a região que ficava localizada a capela de São Caetano e a Boa Vista do São Caetano, por se tratar de uma região de morros, com vistas em alguns locais para o mar e em outros para a sua rua principal, passou a ser carinhosamente intitulado de uma região com uma “boa vista”.

O projeto é resultado dos trabalhos de reforço escolar, realizadas na residência de sua idealizadora desde o ano de 2018. No entanto, é no início do ano de 2019 que ganha características além de um reforço escolar, tornando-se um acompanhamento pedagógico intenso, orientando os integrantes em questões escolares, do cotidiano, além de ensiná-los a serem autônomos na pesquisa e provocando nestes a busca por uma construção de vida futura. Especificamente, os trabalhos do projeto são realizados com adolescentes do Ensino Fundamental I e II, entre 6 e 17 anos. Os encontros ocorrem em formatos não tradicionais, com um olhar de construção de conhecimento a partir das vivências e realidade do estudante. Seguindo uma linha Socrática, provocando o conhecimento, fazendo crescer a luz do saber através de “óvulos” de saberes já existente. Ou seja, os discentes possuem a liberdade em discorrer sobre os assuntos que lhe incomodam, retirar dúvidas, conviver livremente, manter-se do modo que sentirem-se confortáveis para o fluir da aprendizagem, é comum a cooperatividade entre os educandos, o que torna o grupo ainda mais interessante para os estudantes.

As aulas são mediadas por Dielson Costa (Bacharel, graduado em Teologia e Pós Graduado em Docência em Teologia, História e Filosofia pela

Faculdade Santa Fé, é escritor e graduando em História (UFBA), atualmente atua como professor de História e Filosofia numa escola privada do bairro de Boa Vista de São Caetano, e Cleidiane Vitoria, (Técnica em Desenho (SENAI), formada no Magistério (ICEIA) e graduanda em Pedagogia (UFBA), atualmente é estagiária numa escola do bairro, pelo Programa de Gestão e Política de Alfabetização (PGPA) da Prefeitura de Salvador, além disso, chegou a iniciar o curso de Engenharia onde manteve-se até o terceiro semestre.

Os mediadores têm por responsabilidade de listar os assuntos a partir da BNCC, e pensar na conexão dos conhecimentos teóricos com a prática de acordo a realidade vivida no bairro e conduzir como também propor em determinados momentos os assuntos discutidos diariamente. Além de mediar as aulas, a incumbência de indicar leituras e apresentar a cultura acadêmica em seus diferentes níveis. A partir do surgimento das dúvidas, que é o “ponta pé” inicial para a curiosidade as aulas se caracterizam e estimulam a pesquisa e debates.

As mediações acontecem centradas em quatro eixos retirados da BNCC, são estes: Oralidade, leitura, produção textual e escrita; baseada nos passos metodológicos da pedagogia histórico-crítica (prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final), ou seja, a começar de um assunto do cotidiano, partimos do que já sabemos (prática social inicial), acontece à discussão (problematização), depois as leituras, pesquisas (instrumentalização) e enfim a sistematização dos assuntos em produção textual e outra discussão contendo especulações de como utilizar do assunto para facilitar a vida diária (Prática social final).

Durante a mediação do projeto não há uma multidisciplinaridade, pois, entendemos que todos os saberes estão conectados de alguma forma com a experiência humana. A matemática, por exemplo, é apresentada aos estudantes como uma linguagem universal, lógica e direta, atrelada a filosofia e a história dos seus contribuintes. Além disso, recebe o mesmo peso que os outros componentes, eliminando assim o endeusamento que é adicionado à matéria. A arte é tratada como área de conhecimento e estudada a partir de marcos históricos junto com apreciações de um pouco das linguagens que a compõem e que temos acesso. A história é discutida partindo da atualidade e

de mostras artísticas e de uma pergunta central que é consequência de um fato histórico e dialoga com a vida dos adolescentes, exemplificando, “por que vocês moram em uma favela?” Esta pergunta foi respondida ao longo do ano de 2019, e auxiliou na conexão com a história mundial, nacional, regional, local e particular. Dentro desta mesma pergunta, foram discutidos alguns conceitos geográficos que se fizeram necessários para respondê-la. A história da Bahia tem enorme importância e é contada partindo de sua geografia e a história dos escravizados, focando na coletividade da luta e fazendo interligações de parentescos, citando como análogo, “sua tetravó pode ter sido parte dessa luta”, desta forma o estudo de História serve como parte essencial do processo de se enxergar como sujeito.

Em razão desta prática, que se tornou cotidiana houve alguns combinados que foram se estabelecendo durante a convivência dos estudantes e mediadores, como por exemplo, ouvir o outro com atenção, pois todo pensamento é fruto de leituras individual, de experiências concretizadas no coletivo; aceitar ajuda e ajudar, não é sinal de fraqueza; conhecer e compreender o limite do outro, a fim de que haja o respeito efetivo; durante o processo de apropriação, o erro será considerado construção da aprendizagem; entre outras. Esses combinados foram criados pelos estudantes em variação linguística popular e transportado para a variação de prestígio junto com os mediadores do projeto. Em consequência do que foi apresentado o PPLA mantém seus trabalhos em três vertentes, são elas:

Acompanhamento escolar	Cursos por demanda	Cursos Preparatórios
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acompanhamento das rotinas escolares</li> <li>• Explicar a importância da escola</li> <li>• Realização de atividades de acordo com as regras acadêmicas.</li> <li>• Auxílio em pesquisa.</li> <li>• Compartilhamento de experiências da escola.</li> <li>• Leitura de livros de acordo com a idade, por escolha do aluno (3 por ano)</li> <li>• Cooperatividade dos alunos na realização das atividades.</li> <li>• Indicação de autores nos assuntos que mais interessam os alunos.</li> <li>• Promoção de festividades extras, com "brincadeiras livres", como dança, jogos e outras atividades sugerida pelos alunos, onde todos trabalham com o intuito de organizá-la.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promoção de cursos de acordo com questões que mais incomodam os discentes e que caibam na formação dos professores participantes.</li> <li>• Promoção de cursos de acordo com as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promoção de curso preparatório para instituições de ensino, como por exemplo, o Instituto Federal da Bahia (IFBA). Com realização de simulados e aulas livres, baseados no conteúdo do Edital.</li> <li>• Promoção de curso preparatório para concurso público, voltado para os pais dos alunos.</li> <li>• Promoção de curso preparatório para o Encceja, destinado aqueles que desejarem realizar a prova.</li> </ul>

**Tabela1** – vertentes do PPLA



O acompanhamento escolar surgiu com o estudante Thiago, que havia sido reprovado no sexto ano do ensino fundamental, o que levou a sua mãe (Valdeni), a me pedir para acompanhá-lo na escola no próximo ano, a fim de que fizesse todas as atividades e o orientasse no comportamento e nas provas. Antes disso o projeto nada mais era que um reforço escolar dos conteúdos que o professor disponibilizava em sala de aula, sem politização ou criticização. Essas aulas eram feitas com a individualização dos sujeitos, pois em minha concepção a apropriação do conhecimento acontecia melhor individualmente, como sempre estive acostumada a fazer, sem distrações, mudança de assunto e “quanto mais rápido fosse, melhor”, comecei a mudar o olhar referente a forma de estudar, através dos inúmeros embates e longos diálogos sofridos e cansativos para ambos, sobre o compromisso consigo mesmo, com outro e com a escola, o que provocou uma metamorfose, muito mais em mim que em Thiago. Isto, associado aos encontros do GEAD, foi um estopim para o início de uma postura profissional.

Ao ver as mudanças de Thiago, outras mães me procuraram para perguntar se ainda haveria “esse tal acompanhamento escolar” no ano de 2019, então o número de integrantes para este tipo de atividade aumentou significativamente, o que, foi inevitável controlar a interação dos adolescentes envolvidos. No início cheguei a pensar que não prosseguiria, pois o rendimento seria baixo, porém aconteceu o contrário, os adolescentes passaram a se interessar pela escola e conversar sobre assuntos acadêmicos e práticas diárias, além de especularem sobre possíveis eventos festivos que não pude deixar de organizar junto com eles e seus responsáveis.

A vertente de “Curso por demandas”, foi uma criação de Thauane, uma das integrantes do PPLA, que diz amar português e sugere que nas férias possam estudar “pelo menos uns 3 dias na semana” para aprender os conteúdos do ano seguinte. Pensando sobre o assunto fui impulsionada a atender ao pedido, pois como diz Paulo Freire (1979), “No caso do profissional, é necessário juntar ao compromisso genérico, sem dúvida concreto, que lhe é próprio como homem, o seu compromisso de profissional.” Por fim a vertente “Cursos preparatórios”, surgiu da necessidade de alguns estudantes de uma escola do bairro, que desejavam se preparar para a prova do IFBA, nesse caso

procuraram o professor Dielson Costa, que também participa ativamente do projeto, compartilhando seus conhecimentos históricos e filosóficos, que assim começamos a estudar sextas a noite, na residência de alguns destes estudantes, agregando os membros das outras duas vertentes, com o critério de que estivessem, ao menos, no ensino fundamental II.

Embora já existente de forma prática, o Projeto Popular Lugar de Aprender, nasce como projeto, a partir dos diálogos em uma tapiocaria onde acabamos utilizando como escritório. Além da prosa com os estudantes e da necessidade de se estruturar e institucionalizar os estudos que estavam ganhando proporção maior do que o esperado, o nome foi firmado, por um dos integrantes do PPLA, de apenas, 8 anos de idade, conhecido carinhosamente como Carlinhos, que em uma “sacada” fez a seguinte afirmação reflexiva: “Isto não é uma banca, é um lugar de aprender.”

Atualmente temos quinze estudantes do ensino básico em turnos diferentes, com participação das famílias e integração dinâmica de todas as vertentes. Em 2020, serão iniciados ainda na terceira vertente, estudos preparatórios para concurso, com a finalidade de agregar indivíduos com dezoito anos ou mais e alguns responsáveis que desejam participar.

### **Perfil dos sujeitos pesquisados**

Apresentar o perfil dos participantes é importante para a compreensão das reflexões e atitudes dos adolescentes em relação a ser sujeito da sua aprendizagem como também para avaliar o trabalho que o projeto desenvolve na comunidade. Neste subcapítulo, estará o perfil da amostra de cinco participantes do PPLA, contendo nome, idade, série, profissão dos pais e um breve histórico das condições objetivas de cada um, organizados em tópicos. Os nomes apresentados aqui são fictícios (escolhido por cada participante), devido à exposição em que esses adolescentes estão se submetendo e do constrangimento que podem lhe causar ao lerem o texto, vale ressaltar que as descrições foram realizadas juntamente com os estudantes, que em uma espécie de “entrevista” se autodescreveram, tendo algumas partes editadas e construídas pela autora, para melhor ater-se ao objetivo da pesquisa.

**1. Nala,**

14 anos, 9º ano, moradora do bairro de Boa Vista de São Caetano, descreve-se como uma pessoa alegre, positiva, sorridente, sociável e extremamente falante. Primogênita de sua mãe que é costureira e filha única de seu pai que não participou de seu crescimento por trabalhar viajando. Tendo a cultura da classe popular como sua, tem por “obrigação” cultural a realização da limpeza da casa, preparação de alimentos, ser exemplo para os irmãos, participar dos eventos e cultos religiosos regularmente e manter uma rotina de estudos, pois, segundo sua mãe, este lhe dará dinheiro futuramente. Conheceu o projeto através de Dielson, seu professor de história e tinha como objetivo ingressar no Instituto Federal da Bahia e não sabia como estudar para responder uma prova que antes mesmo de conhecer considerava muito difícil.

**2. Barbie,**

14 anos, 7º ano, nascida no Rio de Janeiro, veio para Salvador há 2 anos, seus pais são separados, e depois que veio para a cidade atual, não viu mais seu progenitor. Tem que fazer as tarefas domésticas e cuidar de seu irmão mais novo de 8 anos, pois, sua mãe, trabalha o dia inteiro, como trabalhadora doméstica. Tais atividades cotidianas, inclusive tem atrapalhado seus estudos. Ao passo, que a mãe exige que a educanda estude, também faz questão que esta faça todas as tarefas domésticas, por não entender que aprender demanda tempo e prioridade. Conheceu o projeto, através da escola, onde teve contato com a pedagoga Cleidiane, que coincidentemente, já era conhecida de sua mãe desde a infância.

**3. Challenger,**

11 anos, 6ºano, nascida em Pernambués, filha de comerciantes do bairro de Boa vista, esta é diferente dos outros integrantes por ter o apoio de seus pais e parentes para que tenha seu tempo todo voltado ao crescimento cognitivo. Apesar de morar num bairro popular e ter em si a cultura da classe popular, seus pais acreditam que é importante o saber se organizar, e, pensam que os melhores lugares para aprender são

aqueles que seus espaços proporcionem conhecimento de forma sistematizada. Deste modo, desde a primeira infância, Challenger tem seu tempo e espaço organizados a fim de que os estudos façam parte da normalidade do dia.

#### **4. Cristiano,**

14 anos, 9º ano, nascido no bairro de Boa Vista de São Caetano, admirador de futebol, fã de series sitcons, os pais tem uma esperança na escola associado a um sucesso meritocrático em que qualquer profissão manual dignifica o ser humano e o faz ter condição de cursar uma universidade. Cristiano vive numa pressão de ter que se adequar ao que todos gostam, afinal é considerado o estudioso e por isso sua família acredita que se trata de uma arrogância, pois, “querer estudar” é sinônimo de “querer saber mais que os outros”. Filho de pais separados em que sua mãe é “do lar” e não teve muito contato com seu pai. Vive com os avós com a responsabilidade de ajuda-los como filho e neto mais velho. A pressão exercida sobre Cristiano torna os estudos mais difícil do que parece ser, fazendo-o estudar com o intuito de memorizar as partes consideradas principais de qualquer assunto, objetivando o fim daquele tempo que lhe parece tortura.

#### **5. Sr. Lobo,**

13 anos, 6ºano, nascido no bairro de Boa vista de São Caetano, conhecido em sua comunidade como manguinha e amigo dos vizinhos. Cresceu ouvindo que ajudar o próximo sem esperar nada em troca é o melhor que se pode fazer, além disso, sempre trabalhou com serviços que na Favela é comum as crianças, como carregar entulho, jogar lixo fora, comprar nos largos entre outros. Quinto filho de um “faz tudo” e terceiro filho de uma trabalhadora doméstica sem vínculo empregatício, seus irmãos e irmãs abandonaram a escola por não conseguirem avançar de série e encontram dificuldade para conseguir emprego, essa situação fez com que sua mãe procurasse uma “banca” e lembrar-se de uma vizinha que é professora pedindo que acompanhe seu filho na escola. Exímio admirador da Geografia contextualiza maravilhosamente

bem as notícias dos jornais com os conteúdos que aprende na escola e no projeto, curioso o suficiente para realizar comentários e questionamentos bem elaborados.

### **Ponte entre as culturas**

A classe popular e as “classes superiores” afirmam a ideia de que a classe popular é inculta, ideia levada a cabo também pela escola, o que só aumenta as barreiras para a superação de tal visão, tendo em vista, que é necessário que a própria classe, enxergue sua expressividade e cultura própria que não lhe cabe tal estigma, ao contrário, não há sociedade sem cultura.

Diante do exposto, compreende-se que o professor deve ater-se muito mais no alcance de objetivos educacionais eficazes, como por exemplo, abandonar esses problemas irresolúveis de tal “mau comportamento” e buscar compreender como aplicar metodologias mais eficazes que dialoguem com a realidade do educando, para resultados mais eficientes.

Ora, é fundamental que olhemos atentamente para o que os teóricos de vários segmentos filosóficos e políticos já apresentaram sobre os variados aspectos acadêmicos e da vida prática. No entanto, é importante, prosseguirmos, avançarmos em uma análise de todo e qualquer escrito, caso contrário, entrará em um ciclo que se torna ineficaz, tendo em vista, que muitas vezes, buscamos através de teorias, os mesmos resultados, mesmo quando as realidades são diferentes, ou seja, nem sempre, o resultado alcançado por um determinado autor, necessariamente será repetido na atualidade, ou não devemos seguir exatamente cada passo por ele apresentado, tendo em vista, que a vida é dinâmica e lógica, onde cada realidade, em cada época, exige novos desafios. Assim como a cultura que se adapta e mistura-se, não se mantém estática, ao contrário, é modelável, pois deste modo, e somente assim, seus aspectos mantêm-se vivos.

Por uma escola mais adaptada à realidade do educando, é importante, que esta não apenas “aprenda” aspectos da vivência de seus discentes, mas, adquira de fato, características objetivas da cultura em seu cotidiano. Uma destas características está na adaptação e associação, que ao invés de excluir, agrega e se envolve nos diversificados aspectos. A ponte entre as culturas não

é uma opção que está sobre o controle das pessoas, mas, acontece a partir do momento que a convivência é vista como necessária para o aprendizado humano, partindo do pressuposto de que todos pensam/agem com as experiências que lhes são oportunizadas.

Seria interessante se esta ponte acontecesse conscientemente e sistematicamente através de questionamentos inteligentes que ajudem a fortalecer as convicções fundamentadas e abrir novas possibilidades de pensamento e formações de conceitos que estão superficiais e equivocados, tanto da parte do educando quanto da parte do profissional envolvido nas interações. Por questionamentos inteligentes compreendemos como aqueles que são desenvolvidos a partir da observação reflexiva da realidade com base nas diversas teorias, sejam teorias orgânicas ou sistemáticas, que possam levar a respostas organizadas, compatível com a realidade local, alterando-a para melhor vivência dos indivíduos participantes.

Portanto, o objetivo deve estar atrelado ao atendimento das necessidades básicas, não a partir da caridade, mas pensando em como possibilitar condições intelectuais para o alcance deste objetivo, para tal, primordialmente esteja o ato de pensar, agradável e excitante possibilitando o indivíduo a resolver seus problemas de ordem imediata a partir do pensamento e de questionamentos básicos sobre a realidade. Como por exemplo, “que meios tenho para conseguir acumular alimentos e assim deixar de me preocupar diariamente com isso?”, “Como posso fazer para dormir melhor?” “O que posso fazer para manter minha saúde boa o suficiente dentro das minhas possibilidades?” “Que instrumentos tenho para conseguir dinheiro se não tenho emprego?” Quanto mais decisões são tomadas a partir de questionamentos organizados, tendo em vista mais de duas respostas a fim de poder escolher o melhor no momento, mais possibilidades o indivíduo acharia para solucionar seus problemas e além disso exercitaria o ato de pensar lógico linear, ampliando sua visão primeiramente para as possibilidades que lhes são atingíveis no momento e posteriormente as que se tornarão alcançáveis. Deste modo, teorias filosóficas não deixariam de ser importantes e passariam a ser instrumentos para uso de melhora da realidade.

Pensando nos adolescentes do PPLA, temos o exemplo do Sr. Lobo que quando começou a se questionar o que poderia fazer para ter um celular, achou meios sem que isso prejudicasse sua ida à escola, o fato de pensar a partir da realidade e procurar possibilidades alcançáveis ajudou com a aprendizagem do componente de história e geografia, pois a partir deste tipo de pensamento, passou a perguntar em sala de aula e também no PPLA, qual situação se vivia naquela época e imaginar as possibilidades que ele teria se por acaso estivesse participando daquele momento histórico, diferenciando a posição social em que estaria inserido. Como também o fez entender que a geografia do lugar faz com que as pessoas tenham estrutura física muscular diferente e que a política pode ser entendida através do estudo da história.

Outro exemplo bastante contundente se deu com o questionamento dos integrantes do PPLA, a respeito do calendário gregoriano, pois religiosamente muitos deles têm a compreensão que Jesus é Deus e, portanto, se Deus tudo criou, como pode existir na história acontecimentos antes de Cristo e depois de Cristo? A partir da explicação de como o calendário foi constituído, e do modo como foi institucionalizado, foi esclarecido pontos históricos, geográficos e religiosos fundamentais para compreender o mundo atual, dando liberdade para os conceitos religiosos individuais. Indubitavelmente, foi a partir de dúvidas cotidianas e do aflorar da curiosidade que o aprendizado tornou-se excitante para os indivíduos do PPLA. Pois, o conhecimento deixa de ser um conjunto de temáticas solidificadas que obedecem a um calendário igualmente rígido e passa a ser um estimulante para a continuidade do processo de aprendizagem.

Sendo assim, os professores integrantes do PPLA, compreendem que os pensamentos têm formação complexa e, portanto, se elaborado é preciso ser considerado, independente de crenças individuais ou se tais pensamentos inicialmente não foram fruto de uma reflexão aprofundada. Partindo do pressuposto, de respeitar todo e qualquer tipo de pensamento como importante, não significa permitir que permaneça em sua simplicidade, mas, questionando-os, provocando-os, afim de que a reflexão seja realizada, o que amplia o campo de visão e questionamento do indivíduo, levando a se perceber, quanto sujeito modificador de realidade.

Exemplificadamente, Cristiano em diversas ocasiões apresentou alguns posicionamentos de tom machista ou com ar de superioridade diante dos demais integrantes do PPLA. Em uma delas, afirmou que os demais não poderiam auxiliá-lo por serem estudantes de escola pública. Visando, deixar o assunto reflexivo e refutar tal atitude, respeitando o histórico de vida do indivíduo que o levou a tal comportamento. Como também, deixar as mulheres e os estudantes de escola pública do grupo, livres e seguras para se posicionarem a respeito, lançamos os seguintes questionamentos: “Como você sabe, o que é que eles sabem?” e “Se você fosse mulher gostaria de estar nesta situação?”. A partir, destas indagações, os outros integrantes começaram também a questioná-lo a respeito deste posicionamento, o que levou a todos, incluindo Cristiano, a um processo de reflexão aprofundada, que refletiu em alterações significativas na conduta cotidiana. Posteriormente, Cristiano inclusive criticou um perfume por ter o nome de uma mulher, mas, imediatamente, sem nenhum tipo de interposição, refez o comentário, desculpou-se e reconheceu que possuía uma posição machista.

Toda essa reflexão feita a partir de questionamentos inteligentes, nos leva a curiosidade, e conseqüentemente a procura de novos materiais, assim é imprescindível falar da questão dos instrumentos utilizados para a aprendizagem. Tendo em mente que qualquer ferramenta, objeto em volta pode ser instrumento para um bom diálogo instrutivo, entende-se que não são necessários materiais chamados de alta qualidade para o aprendizado eficiente, caso contrário, a classe não poderá ajudar ou se envolver no trabalho do profissional de educação dificultando assim, a interação da família e a permanência do educando no projeto.

Como instrumentos, o PPLA utiliza-se dos livros físicos doados (didáticos e Literários), livros encontrados na internet, dos artigos, imagens e principalmente das habilidades de seus integrantes como também das competências dos familiares. Com o propósito de ilustrar o dito, temos alguns integrantes que irão fazer a prova do exercito e outros a do ENCCEJA sendo assim, precisaríamos de materiais específicos com o objetivo de manter a linha da lista de conteúdos. Para tal, o caderno de atividades encontrado no site do Ministério de educação, tornou-se uma alternativa viável. Nesse inteirom a



tarefa de impressão valeu-se da colaboração de algumas pessoas da comunidade, que se empenharam através da sua rede de amigos para que isso ocorresse.

Outros materiais como mapas, cartazes, entre outros, conseguimos com os pais que se interessam pelo projeto e compram para doar, através de empréstimos de algumas escolas particulares do bairro como o mapa da cidade de Salvador, até mesmo os cartazes dos módulos comprados para crianças que estudam em escola particular, livros que as pessoas da comunidade leram e acham interessante que os adolescentes leiam. Paraphrasing the music "Coração verde e amarelo" de Blanc e Tavito, da Copa de 1994, Na torcida tem milhões de professores, cada um já fez a sua seleção; de materiais necessários para auxiliar na educação. Apresentaremos alguns destes materiais abaixo em foto:

**Fotografia1** – Adolescente lendo o mapa de Salvador.



**Fonte:** Compilado pelo autor

**Legenda:** Adolescente fazendo leitura de escala entre seu bairro e a praia, para saber quanto tempo levaria se a estrada fosse retilínea.

**Fotografia 2:** Estudo em grupo.



**Fonte:** Compilado pelo autor

**Legenda:** Estudo em grupo para as provas do exército e do ENCCEJA. Os cadernos de três destes estudantes foram doação da comunidade.

**Fotografia 3:** Livros didáticos e de concursos



**Fonte:** Compilado pelo autor

**Legenda:** Livros doados pela comunidade por pessoas que se formaram e/ou fizeram concursos e acreditam que pela educação há uma mudança de vida.



**Fotografia 4:** Espaço do ano de 2019



**Fonte:** Compilado pelo autor

**Legenda:** Espaço cedido pela mãe de um dos integrantes, para o estudo do ano de 2019

**Fotografia 5 e 6:** Cartazes com temas históricos





**Fonte:** Compilado pelo autor

**Legenda:** Cartazes doados por um professor, retirados do módulo em desuso da escola em que trabalha.

**Fotografia 7:** Conferindo Coluna vertebral



**Fonte:** Compilado pelo autor

**Legenda:** Adolescentes conferindo a coluna vertebral depois de uma aula sobre o sistema esquelético

A atividade, mostrada na “fotografia 1”, com mapa da cidade de Salvador associada ao mapa da Bahia e do Brasil facilita a abstração do espaço físico, além de ajudar na orientação espacial do que é amplo. A proposta é aceita no momento em que colocamos o mapa no chão e pedimos para que eles procurem certos bairros. A partir dessa proposta puderam-se trabalhar os conceitos de península, mar aberto, enseada, baía, pontos turísticos e o processo histórico da construção da cidade, apontando a história de alguns bairros que foram importantes nesse processo, como o Alto do Peru, que fica localizado na Fazenda Grande do Retiro. Como consequência disso, continuam comparando a realidade atual com a história da construção desses bairros e mantem-se curiosos sobre origem e formação daquele que lhes são desconhecidos.

No estudo em grupo, apresentado na fotografia 2, os adolescentes pediram para resolver as provas anteriores de português em grupo, com o argumento de que entre eles se entenderiam melhor e pediram para no final uma professor corrigisse a prova e explicasse o que eles não sabiam. Já na fotografia 7, tivemos um estudo sobre o corpo humano e seus sistemas, e quando foi dito que o sustento do esqueleto humano é a coluna vertebral e que ela podia ser sentida no tato, resolveram olhar a coluna um dos outros.

Assim, a ponte entre as culturas ocorre quando há troca de conhecimento através da convivência sem julgamentos, com objetivo explícito. No caso do PPLA, o objetivo é conhecer para melhorar a vida cotidiana e não temos julgamentos quanto a quem conhece mais ou menos; deixamos explícito que conhecemos o que foi nos possibilitado conhecer e que podemos decidir o que fazer com nosso saber, visto que, o pensamento é um tesouro particular.

## TRÊS VISÕES E UMALENTE MULTIANGULAR

*“Mas, iremos achar o tom,  
Um acorde com um lindo som,  
E fazer com que fique bom  
“Outra vez, o nosso cantar”.*

*Sombrinha, Arlindo Cruz e Luiz Carlos da Vila*

Este capítulo tem como objetivo apresentar os avanços relacionados ao aprendizado científico imbricado a cultura popular, concretizados no cotidiano, segundo a ótica dos participantes da pesquisa, de uma pessoa próxima aos integrantes e também a minha vista como profissional da educação. A avaliação segundo estas três lentes, é feita com todos os participantes no meio e fim do ano, com o objetivo de manter os interesses da classe popular em evidencia para encontrar caminhos a partir do funcionamento já existente no sistema. Por lente multiangular entendemos como a da cultura popular, que permite diversos olhares multifacetados, dialogando com aspectos de outras culturas, por ter contato direto com estas, através das atividades laborais, mercantis, estudantis (dentre outros), que seus integrantes possuem na sociedade. Iremos expor a seguir, a avaliação de cinco dos participantes do PPLA, a fim de elucidar o diálogo da cultura popular e escolar.

### **Sujeitos sob suas próprias lentes**

O presente subcapítulo foi desenvolvido com o objetivo que os próprios sujeitos participantes do PPLA, pudessem realizar suas reflexões a partir das vivências e desenvolvimento notado durante a participação no projeto, partindo de suas próprias culturas e associando com toda a discussão aqui desenvolvida. O texto apresentado será escrito, em maior parte, pelos próprios sujeitos com o auxílio dos profissionais da educação, Cleidiane Vitória e Dielson Costa.

As reflexões partirão de perguntas dirigidas e subjetivas, baseada nos quatro eixos direcionados ao componente de língua portuguesa na BNCC, oralidade, leitura, escrita e produção textual, a fim de que haja a auto avaliação do processo e do resultado atual. Apesar desses eixos serem direcionados

para língua portuguesa, no PPLA, acreditamos que perpassam por todas as propostas do currículo escolar e que a linguagem é uma forma complexa de expressar o pensamento que foi munido da realidade objetiva e das experiências subjetivas do sujeito, deste modo trabalhar a complexidade da linguagem através do pensamento reflexivo me parece eficiente se tratando da realidade da classe popular. A seguir e no subcapítulo seguinte, redigi explicações breves, baseadas na entrevista em questão, e alguns trechos correspondentes a fala dos indivíduos envolvidos na entrevista foram transcritas, precedidas por travessão.

### **1. Nala,**

A educanda em questão afirma que teve uma grande evolução no quesito leitura, como ela bem afirma:

- Eu não costumava ler, lia apenas o necessário.

Agora, declara que:

- Minha leitura está boa, aprendi a ter o costume de ler mais sobre tudo que me acrescenta conhecimento.

Anteriormente apresentava dificuldades no processo de produção textual, admite que repetia expressões e que agora com mais conhecimento a sua produção de texto ficou mais elaborada e com mais informações. No que tange a oralidade, a estudante realiza algumas afirmações categóricas e que em muito são importantes de serem observadas. Alega que antes do PPLA, tinha medo de falar em público e costumava se atropelar no que falava, inclusive não pensando muito no conteúdo do que discorria, agora, após a participação no projeto, consolida a seguinte afirmativa:

- Perdi a timidez de falar em público e falo com mais sabedoria, pois aprendi a pensar.

Sobre a escrita garante que era razoável e que tinha sérios problemas ortográficos e que agora apresenta uma escrita mais estruturada. Por fim, realiza as seguintes afirmativas:

- Antes do projeto, estudar pra mim era memorizar tudo e fazer uma prova, agora estudar pra mim é aprender. Houve mudanças em tudo, aprendi a não falar sem pensar, entendi que preciso ser paciente, ser compreensiva e compreensível.



## **2. Barbie,**

A educanda, assim descreve como era seu conhecimento sobre leitura antes e depois do projeto:

- Eu não conseguia entender muito bem os sentidos da pontuações hoje em dia, consigo entender os sentidos da vírgula e das pontuações e quanto faço um texto consigo entender mais o que estou escrevendo. Hoje em dia é mais fácil pra fazer um texto por que minha mente fica mais aberta dependendo do texto com algumas dificuldades, mas, consigo.

A entrevistada afirma que sua oralidade está em processo de melhora, no entanto, consegue compreender quem tem um vocabulário mais vasto e quando não o consegue, questiona o individuo o que este falou.

Destaca ainda, que conseguiu melhorar bastante, na produção de textos:

- Eu tinha muita dificuldade para fazer um texto depois que eu aprendi as formas de comunicação, pontuações e as formas de linguagem comecei a entender mais como fazer um texto.

Como já destacamos anteriormente, a educanda tem uma vida corrida, tendo que conciliar um cuidado com a casa e com seu irmão mais novo, no entanto, destaca que agora tem sido mais leve, por que sente que tem quem a ajude. A estudante enfatiza a mudança de paradigmas em sua vida, da forma de enxergar a vida, inclusive, estabelecendo objetivos futuros, como apresentamos abaixo:

- Hoje em dia tenho mais objetivos do que antes e pretendo chegar adiante e terminar meus estudos. Primeiro quero ser uma pedagoga e quero chegar adiante, além do que eu possa imaginar.

## **3. Challenger,**

A educanda afirma que não se sente culpada de saber e de estudar. Não se sente mais inteligente do que ninguém e que gosta do projeto, por que de acordo com ela:

- Aqui se discute com motivo, não é discussão pela discussão!

-Antes do projeto minha rotina era estudar, dormir, comer, ir para a escola e “gravar likes”, agora saio do quarto e me socializo com a família Sobre conhecimento de leitura, eu acho que não sabia interpretar tanto, ou não



prestava atenção. No projeto para resolver as questões, você tem que discutir com conteúdo.

A respeito de produção textual, a aluna afirmou que antes do projeto repetia bastantes palavras e não entendia o conceito de pontuação e nem como deveria utilizá-la e que agora produz textos elaborados em qualquer situação. Notemos a seguir o que a estudante apresenta sobre sua mudança quanto à oralidade e a escrita:

- Eu não sabia me comunicar e parei com o vício de linguagem do “né” e consigo fazer as pessoas me entenderem. Sobre a escrita, melhorei muito, aprendi a usar parágrafo, por exemplo, mudando o sentido, muda o parágrafo. Quando releio meus textos de antes e de hoje vejo a melhora. E acho que comecei a me preocupar mais com meu futuro.

#### **4. Cristiano,**

O estudante afirma que antes apenas decodificava e que não analisava profundamente, não tendo opinião formada sobre o texto. Atualmente, após o projeto consegue ler nas entrelinhas, ter uma crítica mais profunda do conteúdo. Anteriormente, apresentava dificuldades com a criação de parágrafos, iniciar e finalizar textos, além de repetir palavras, apresentava redundância. Agora, apresenta mais facilidade na hora de escrever o texto, com mais coerência e raciocínio, inclusive escrevendo de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

A respeito da oralidade, no início do projeto tentava provocar uma boa impressão, por ter pessoas novas para o convívio, o que passou um ar de arrogância. Mas, após diversos embates e argumentações, acabou melhorando neste quesito, adquirindo uma linguagem popular sem abandonar a linguagem científica. De acordo com o estudante, agora consegue transmitir o que de fato deseja e pensa para o papel. Tendo uma melhor transmissão das ideias para o texto, desenvolvendo resumos mais elaborados e focados no assunto. Anterior ao projeto acreditava que estudar era somente ter uma boa nota no fim do ano. No entanto, hoje para o aluno, estudar é compreender, é se tornar uma pessoa melhor, é dar o melhor de si, é se utilizar da educação para se desenvolver como pessoa. Como ele afirma abaixo:

- Antes eu achava que estudar era somente ter uma nota boa no fim do ano. Estudar hoje para mim, é compreender, é se tornar uma pessoa melhor, é dar o melhor de si, é se tornar alguém melhor, é se utilizar da educação para se desenvolver como ser humano.

Até mesmo a relação familiar melhorou de acordo com o aluno:

- Antes do projeto minha relação com minha família era conturbada, agora eu consigo me socializar, conversar com meus familiares a respeito de assuntos que inclusive não gosto.

### **5. Sr. Lobo,**

O estudante que se auto intitula sr<sup>o</sup> Lobo, é um dos mais antigos no projeto, sendo inclusive uma referência para muitos que chegam posteriormente. Atualmente, inclusive cogita a possibilidade de se tornar um Físico, por se considerar um apreciador de tais fenômenos e um exímio observador do céu. Mas, nem sempre foi assim, como ele afirma em uma de suas reflexões há um ano:

- Cleidiane, eu antes achava a escola difícil. Ficava olhando os meninos e me perguntado como eles conseguem. Agora eu acho que tem como passar fácil. As coisas que a gente estuda é a mesma coisa que a gente vive. Olha aí Trump colocando guerra contra os muçumanos igual a na primeira guerra. Eu que não vou, Bolsonaro fica amigo de Trump e vai querer que os homens “vão” pra guerra.

O aluno afirma que antes não tinha o costume de ler, passava na sala dos colegas e pensava como eles conseguiam, e que agora, se surpreende consigo, ao perceber que gosta de ler e considera até fácil realizar esta tarefa. Sobre a escrita e produção textual afirma:

- Antes eu só conseguia escrever algumas frases, hoje não só escrevo, como também compreendo como um texto funciona, diferenciando o tipo de texto que estou lendo. Agora, consigo inserir palavras complexas.

No que tange a oralidade, afirma que agora consegue pensar melhor no que está falando, estruturar um pensamento mais completo, compreendendo a fala do outro e decidindo de forma racional o que falar e se necessita falar.

Antes, não era deste modo, evitava falar quando não estava em círculos mais próximos e não buscava participar de diálogos mais complexos, como destacamos no trecho a seguir:

- Agora não tenho medo de falar com as pessoas e nem de resolver as coisas sem mainha!

### **Sujeitos sob a lente de próximos**

Este subcapítulo é complemento do anterior, no qual haverá a avaliação de pessoas que já convivam com os adolescentes participantes com objetivo de perceber as mudanças posteriores a adição de características do conhecimento científico no cotidiano. Além das alterações das práticas rotineiras, (Um exemplo é pesquisar sobre algo que queira fazer, antes de fazer), que foram agregadas a partir da convivência diária do uso da cultura erudita favorecendo a vivência popular.

Foi escolhida uma pessoa do convívio do adolescente para fazer a análise deste ponto, além de responder o que houve de mudança na rotina diária da casa.

#### **1. Nala**

Antes do projeto a estudante apresentava alguns problemas de relacionamento interpessoal, seja com os familiares, com amigos e colegas de escola. Exatamente, por não considerar o pensar antes da falar, além disso, se “achava” sozinha, por se acreditar incompreendida e ser duramente criticada por diversas pessoas, devido o seu jeito peculiar de ser. Não conseguia estabelecer contatos mais profundos com as pessoas, mesmo sendo uma adolescente inteligente, alegre e simpática.

Em relação aos estudos, apresentava dificuldades de aprendizado, por não acompanhar a velocidade de raciocínio dos colegas ou do conteúdo aplicado em sala de aula, por esse motivo, costumava se auto intitular como “burra”, “incapaz” ou outros adjetivos difamatórios a si.

Após o projeto, não só conseguiu se enxergar como pessoa capaz, mas, também restabeleceu conexões pessoais e desenvolveu novas relações, inclusive, iniciando relacionamentos mais próximos com novos indivíduos. Além disso, conseguiu passar em uma seleção para o primeiro estágio no Ministério

Público, surpreendendo inclusive pessoas do círculo mais próximo. Consegue falar com desinibição em locais com uma plateia grande, e agora entre os mais íntimos, pensa antes de agir e falar, sendo uma pessoa agradável e admirável.

## **2. Barbie**

Os indivíduos próximos destacam que a educanda apresentou consideráveis mudanças, tornando-se alguém, que demonstra que os estudos são prioridades e necessários para a construção de sua vida presente e futura. Anteriormente, vivia na ambiguidade entre uma vida acadêmica e um viver despreocupado. O que ao longo do tempo, foi alterando-se, “lutando” atualmente, para ser aprovada na prova do Ensseja e organizar sua própria vida.

Uma das falas destacáveis de um ente próximo foi o seguinte:

- Pelo menos Barbie, agora quer estudar, fica lendo, vai para a laje ficar falando sozinha, pensando.

Tem se empenhado tanto, que tem dias, que participa do projeto em dois turnos, inclusive, ainda assim tenta continuar “dando conta” das tarefas domésticas. O que por si só, demonstra um extremo esforço, por se considerar cansaço e outros elementos que se envolve nesta questão.

## **3. Challenger**

De acordo com a responsável houve uma melhora considerável em relação à leitura. Ela cita que atualmente são utilizados argumentos dentro de casa, que ela é muito mais maleável, é melhor ouvinte, aceitando mais a opinião do outro. Antes do projeto ela brigava, não argumentava a colocava na parede, agora tenta convencer com questionamentos inteligentes.

-No projeto ela tem enxergado outro mundo, por mim, permanece participando do Projeto Popular Lugar de Aprender para sempre.

Além disso, abaixo enfatizamos algumas expressões da responsável da educanda sobre sua percepção da mudança ocorrida:

- É impressionante como ela mudou! Impressionante!

- Ela agora respeita o limite do outro, sozinha acho que não conseguiria fazer ela se socializar tanto!

- Se todos os adolescentes tivessem essa oportunidade! Todos deveriam ter o direito de encontrar pessoas que dessem essa possibilidade que vocês oferecem!

A responsável ainda cita que hoje a participante do PPLA, sabe o momento e a forma de fazer as coisas, saí mais do quarto, fica mais com a família, mudando todo cotidiano familiar! Está muito mais animada e aberta!

#### **4. Cristiano**

A responsável deste discente afirma que agora ele permanece mais calado, buscando ouvir mais antes de se posicionar. Mantém-se mais no quarto, lendo, assistindo vídeos. Agora, ele pensa em fazer faculdade, embora a responsável considere que ele precisa procurar um emprego e entender que a vida acadêmica não é a única coisa que existe, e que todo homem de 18 anos tem que ter um trabalho “manual”.

Atualmente, adquiriu um hobby, a respeito de futebol, que se tornou “o seu mundo”, sendo inclusive o principal motivo de diálogo com as pessoas. Além disso, tenta manter conversas a respeito da Filosofia e de coisas como “menoridade de Kant”. Redigimos a seguir um trecho da fala da responsável:

- Cristiano, tem que entender que ele é filho e eu sou mãe. Eu não tenho que conversar sobre os assuntos dele na hora que ele quer. Cristiano “tá” mais responsável com os estudos, mas, ele tem que focar no emprego! Cristiano vai fazer um curso técnico na escola que vou “botar” e depois que estiver no emprego ele pensa na faculdade, mas, ele tem que decidir agora o curso que ele vai fazer na faculdade!

Sobre a oralidade, a mãe de Cristiano, afirma que agora dá para compreender o que ele fala, por que antes ele apresentava uma linguagem um pouco “prepotente”, para que as pessoas o admirassem e agora, ele dialoga de igual para igual. No que tange a produção textual, afirma:

- Tudo de Cristiano, é planejar e demorar de fazer, ele faz mais de uma vez. Tem que fazer logo, prestar atenção na aula e fazer logo. Fica até meia-noite, enrolando para fazer o dever. Gostei por que Cristiano “tá” se preocupando com as coisas dele, mas, agora tem que ficar mais rápido.

## 5. Srº Lobo

A responsável pelo srº Lobo, afirma que ele ficou mais responsável, e que quer garantir a vaga para sempre dele no projeto. Ele cresceu muito como pessoa, está bastante reflexivo e que tem o sonho de vê-lo formado e que sabe que o projeto vai ser fundamental neste sentido. Atualmente, confia nele inclusive para resolver as coisas para ela, referente a questões bancárias.

- Meu pretinho melhorou muito, eu sei que ele continuando aqui com vocês, ele vai se formar, vai estudar.

No quesito oralidade, ela afirma:

- Com as pessoas da rua ele tem paciência para explicar as coisas direitinho, mas, comigo ele não tem muita paciência não, essas coisas de adolescente. Ele tem muitas ideias, e toda ideia que ele tem, me conta e quer que eu ajude ele! Agora ele tá explicando as coisas direitinho, que era uma coisa que eu reclamava muito com ele.

Afirma que agora Srº Lobo tem mais amigos. Além disso, considera a relevância dos estudos, que é fundamental para a construção de toda a vida presente e futura.

Produção textual e escrita é considerado pela responsável como a mesma coisa, afirma sobre Srº Lobo:

- Ele tá escrevendo mais! Está fazendo as atividades sem ninguém mandar! Mas, ainda fico no pé dele para ele não desistir!

## A SAIDEIRA

Neste ultimo capitulo, foi feito uma analogia entre a música “A batucada dos nossos tantãs” e os objetivos do PPLA. Pois, em todo tempo percebe-se que os individuos da classe popular e neste caso em especifico, dos discentes participantes do Projeto Popular Lugar de Aprender, são vistos como carentes e necessitados de um assistencialismo, que estes são incapazes de atingir seus objetivos ou até mesmo de formatar os seus alvos de vida. Para nós, do PPLA, esta carência e incapacidade não existe, compreendemos que é fundamental uma superação desta imagem “coitadista” em relação a classe popular e enxergarmos nossa força e capacidade, a fim de alçar voos cada vez mais de acordo com o que planejamos a nós mesmos, sem desconsiderar toda

a cultura que pertencemos. Nesse interim, identificamos um dialogo intenso nesta leitura com a música supracitada. Redigiremos a seguir a letra para a comparação que pretendemos:

### **A batucada dos nossos tantãs**

Grupo Musical Fundo de Quintal

Álbum: A batucada dos nossos tantãs – Fundo de Quintal

Compositores: Adilson Gavião, Robson Guimarães e Sereno.

Samba, a gente não perde o prazer de cantar  
E fazem de tudo pra silenciar  
A batucada dos nossos tantãs  
No seu ecoar, o samba se refez  
Seu canto se faz reluzir  
Podemos sorrir outra vez.

Samba, eterno delírio do compositor  
Que nasce da alma, sem pele, sem cor  
Com simplicidade, não sendo vulgar  
Fazendo da nossa alegria, seu habitat natural  
O samba floresce do fundo do nosso quintal

Este samba é pra você  
Que vive a falar, a criticar  
Querendo esnoabar, querendo acabar  
Com a nossa cultura popular.

É bonito de se ver  
O samba correr, pro lado de lá  
Fronteira não há, pra nos impedir  
Você não samba, mas tem que aplaudir.

Para fins de comparação, inserimos a compreensão que o “samba” metaforicamente é a classe popular, os tantãs, a nossa cultura. E assim, como já bem discorrido neste presente trabalho, a classe e a cultura da classe popular sofre estigmas e preconceitos, sendo relegado a um papel secundário ou inexistente, assim como o samba foi em sua história um ritmo musical contagiante, alegre, motivador dos escravizados, com aspecto denunciante e ao mesmo tempo apresentando diversos elementos das diversas culturas africanas associadas e “convividas” dentro do território brasileiro, também a própria classe popular semelhantemente sofre estes estigmas. Ora, associando

a classe popular ao samba, temos uma relação de “intralaçamento”, onde o samba faz parte da cultura da classe popular, e ao mesmo tempo, pode ser metaforicamente sua representante. Por “intralaçamento”, estamos nos referindo a uma imbricação íntima entre ambas, onde quase que não se dá para separá-las, muito superior a um entrelaçamento, onde é possível se enxergar os elementos presentes no envolvimento, aqui sequer, podemos dissociá-las. De igual modo, como a água que se envolve com um determinado elemento, contornando-o, envolvendo-o, penetrando-o, assim ao longo da história, há este envolvimento entre o samba e a classe popular. Não tratamos de um ritmo musical simplesmente, mas de diversos elementos que o envolve, a relação histórica e as metáforas que dela decorre.

O samba, embora um ritmo genuinamente brasileiro, por muito tempo, não foi visto com bons olhos, sendo visto como o motivador de “badernas” e “confusões”, e ao bel-prazer daqueles que dominam, foi “elevado” como “cartão postal” brasileiro para o exterior. De igual modo, a classe popular é vista e tratada, por muito tempo, e em diversas favelas, vielas, “casas de família” e outros espaços, esta é posta como a formadora de delinquentes e “trombadinhas”, como pessoas sem cultura e educação. Mas, diante da real necessidade de mão de obra ou de qualquer que seja a questão, até mesmo um simples voto, a classe popular, é o lugar ideal para buscar estas “coisas”. No entanto, assim como trata a música citada, quando bem pensam, querem calar os tantãs de nossa cultura, quando bem desejam, aceitam o indivíduo, mas, não sua cultura, o seu samba, sem o seu tantã, o que obviamente não é possível. Indivíduos e sua cultura são indissociáveis, inegociáveis e fundamentalmente necessários. Ora, o que acaba ocorrendo é uma corrida etnocêntrica, que nada mais é do que uma tentativa para fazer silenciar a batucada dos nossos tantãs/cultura, mas, em seu ecoar o samba/classe popular ecoa outra vez. Peço um espaço para uma licença poética, a fim de finalizar do modo que sempre imaginei, com todo respeito, assim finalizo:

Este trabalho é pra você

Que vive a falar, a criticar.

Querendo esnobar, querendo acabar.

Com a nossa cultura popular!



É bonito de se ver  
A cultura correr, invadir o lado de lá.  
Fronteira não há, pra nos impedir.  
Você não gosta, mas tem que aplaudir.

Este trabalho foi produzido por muitas mãos, muitos corações. Mas,  
cuidado, nele há uma só alma!

## REFERÊNCIAS:

ARAGÃO, Jorge. **Coisa de pele**. Youtube, 16 de julho de 2018. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=NJvn\\_6QuK8c](https://www.youtube.com/watch?v=NJvn_6QuK8c) Acesso em: 25 dez.2019

ARANHA, Maria L. de A. **Filosofando: Introdução à Filosofia** / Maria Lúcia de Arruda Aranha, Maria Helena Pires Martins. 4ªEd. Moderna, São Paulo, 2009

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. Editora Brasiliense. 14ª Edição. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, 1990.

BAGNO, Marcos. **Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia**. Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BLANC, Adir e CARVALHO, Luís Otávio de Melo. **Coração verde e amarelo**. Youtube, 9 de fevereiro de 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0BDjYryBrsc&ab\\_channel=severinohits](https://www.youtube.com/watch?v=0BDjYryBrsc&ab_channel=severinohits)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção Primeiros Passos; 20. 49ª Reimpressão da 1ª Edição, 1981. Editora Brasiliense, São Paulo. 2007.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Parecer nº 11, de 7 de julho de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 28. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&category\\_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=56621-bnccapresentacao-fundamentos-pedagogicos-estrutura-pdf&category\\_slug=janeiro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=56621-bnccapresentacao-fundamentos-pedagogicos-estrutura-pdf&category_slug=janeiro-2017-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF:

FREIRE, Leticia de Luna. **Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados**. Dilema - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Rio de Janeiro. v.1, n.2. p.95 – 114. OUT/NOV/DEZ.2008. disponível em [http://lemetro.ifcs.ufrj.br/favela\\_bairro\\_ou\\_comunidades.pdf](http://lemetro.ifcs.ufrj.br/favela_bairro_ou_comunidades.pdf). Acessado em out 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 57ª edição, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra 1979.

GAVIÃO, Adilson. GUIMARÃES, Robson. SERENO. **A batucada dos nossos tantãs**. Álbum: A batucada dos nossos tantãs – Grupo Fundo de Quintal. São Paulo. Gravadora Som Livre, 1993.

GROSSI, Y de S. **Mina de Morro Velho: a extração do homem, uma história de experiência operária**. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1981.

HEIDEGGER, Martin. **Poetry, language, thought**. New York: Harper & Row, 1975.

JESUS, Clementina de. **Marinheiro só**. Youtube, 08 de nov 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RQMBOLzajEg> Acesso em: 25 dez.2019

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. São Paulo. Editora Zahar, 2009.

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano 1926-1937**. Editora Boi Tempo, 1ª Edição. Tradução de Leandro Galastri, Silva de Bernadinis, Diego Silveira e Ana Chiarini. São Paulo, 2017.

MUÑOZ, Jorge V. **O saber das classes populares e a prática da educação popular**. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação, Rio de Janeiro, 1983.

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. Editora Brasiliense. Brasília, 1ª Ed, 1983, 8ª Ed. Brasília, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SCHRAM, Sandra e CARVALHO, Marco. **O pensar educação em Paulo Freire, para uma pedagogia de mudanças**. Programa de Desenvolvimento Educacional, SEED. Cascavel, 2014.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa**. Educar, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Editora UFPR.

VELOSO, Caetano. **Reconvexo**. Interpretado por Caetano Veloso e Maria Bethânia no álbum Memória da pele. 1989. Gravadora Polygram. 1 disco sonoro (45 min).

WERNEEK, Vera R. **Uma avaliação sobre a relação multiculturalismo e educação**. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ. Rio de Janeiro, V.16, N.60, p.413-436, Jul./set.2008.

**APÊNDICE:**

QUESTIONARIO DE PESQUISA  
**UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR**  
PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER

- 1) Como era você antes do projeto, em relação aos conhecimentos de:
  - a) Leitura;
  - b) Produção textual;
  - c) Oralidade;
  - d) Escrita.
  
- 2) Como é você depois do projeto em relação aos conhecimentos de:
  - a) Leitura;
  - b) Produção textual;
  - c) Oralidade;
  - d) Escrita.
  
- 3) Qual a importância dos estudos para você antes e depois do projeto?
- 4) Quais as mudanças no seu cotidiano antes e depois do projeto?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa cujo título provisório é **“UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR: PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER”**, e que será apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Bahia, pela discente Cleidiane Vitoria Santana, sob a orientação da Profa. Dra Sandra Maria marinho Siqueira. Esta pesquisa tem como objetivo analisar em que sentido a cultura popular pode dialogar com a cultura escolar na realidade dos adolescentes do bairro de Boa Vista de São Caetano acompanhado pelo Projeto Popular Lugar de Aprender (PPLA).

Diante do que ouvi sobre o fracasso escolar fadado a escola pública e da classe popular, das discussões que colocam essa classe numa posição de vítima indefesa, desconhecadora do seu potencial. Além de padecer de um problema criado historicamente por quem não faz parte da classe, da qual esta deve buscar sua superação através de instrumentos que não estão familiarizados, como por exemplo, um aprendizado da teoria para prática (na escola), o que é diferente do que ocorre no cotidiano da classe popular, que adquire conhecimento através da experiência, além disso, a teoria ensinada na escola não revela a realidade vivida pela classe popular, o que torna o aprendizado mais dispendioso, tendo em vista, que o estudante tem que analisar situações das quais não conhece e não se aplicam a seu viver diário,

tornando o estudo algo apenas ficcional, perdendo completamente o sentido, por perder a sua aplicabilidade real

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos metodológicos: Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório visando encontrar o ponto de intercessão entre a cultura da classe popular e a cultura escolar, numa abordagem qualitativa. Dentre as diversas formas que a pesquisa qualitativa assume o método de procedimento a ser utilizado será a pesquisa participante. A fim de coletar dados para a reflexão sobre o tema, pretende-se utilizar da observação sistemática, ações educativas e questionamentos reflexivos. Os nomes apresentados na monografia são fictícios (escolhido por cada participante), devido à exposição em que os que aceitaram participar estão se submetendo e do constrangimento que podem lhe causar, vale ressaltar que as descrições foram realizadas juntamente com os estudantes, que em uma espécie de “entrevista” se autodescreverão, tendo algumas partes editadas e construídas pela autora, para melhor ater-se à linguagem científica exigida pela universidade.

O motivo deste convite é que o (a) Sr. (a) atende os seguintes critérios de inclusão: é Membro do Projeto Popular Lugar de aprender num período maior que 6 meses.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Este estudo não pretende oferecer nenhum risco ao Sr.(a), no entanto, caso se sinta incomodado com alguma das perguntas, sinta-se à vontade para não responder às Perguntas.

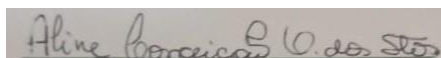
O (A) Sr. (a) será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

Os dados serão armazenados em local seguro, na casa do pesquisador, em seu computador pessoal, por um período de no máximo 03 anos. Após esse período os dados serão deletados. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

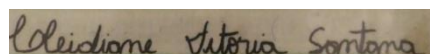
Este arquivo será impresso e entregue uma cópia para cada participante e arquivado pelo pesquisador responsável, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Se necessário, o(a) participante dessa pesquisa poderá solicitar o presente termo a qualquer momento. Caso haja danos decorrentes dos riscos desta pesquisa, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelo ressarcimento e pela indenização.

Eu, Aline Conceição O. dos Santos, portador do CPF 01398018554, nascido (a) em 08/09/1983, residente no endereço Rua Sabino Vieira nº168 ,Boa Vista de São Caetano, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, podendo ser contatado (a) pelo número telefônico (71)98761-0908, fui informado (a) dos objetivos do estudo **“UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR: PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa e a ao meu filho/a participante do projeto, poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SALVADOR-BA, 15 de Setembro de 2019.



Assinatura do(a) participante

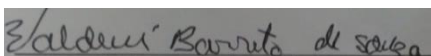


Assinatura da pesquisadora

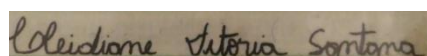
Eu, Valdeni Barreto de Souza, portador do CPF 50690817568, nascido (a) em 25/10/1966, residente no endereço Rua Benedito Jaqueira ,Boa Vista de São Caetano, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, podendo ser contatado (a) pelo número telefônico (71)98680-8681, fui informado (a) dos objetivos do

estudo **“UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR: PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa e a ao meu filho/a participante do projeto, poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SALVADOR-BA, 15 de Setembro de 2019.



Assinatura do(a) participante

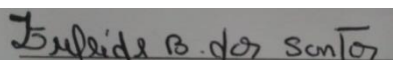


Assinatura da pesquisadora

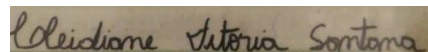
Eu, Zuleide B. dos Santos, portador do CPF 77786009515, nascido (a) em 09/03/1975, residente no endereço Rodovia A nº 1500, Boa Vista de São Caetano, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, podendo ser contatado (a) pelo número telefônico (71)99233-6347, fui informado (a) dos objetivos do estudo **“UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR: PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa e a ao meu filho/a participante do projeto, poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



SALVADOR-BA, 16 de Setembro de 2019.



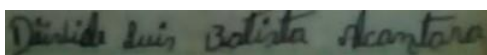
Assinatura do(a) participante



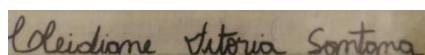
Assinatura da pesquisadora

Eu, Dêvide Luís Batista Alcantara, portador do CPF 10311282327, nascido (a) em 09/03/2001, residente no endereço Rua Rodovia A ,Boa Vista de São Caetano, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, podendo ser contatado (a) pelo número telefônico (71)98129-4783, fui informado (a) dos objetivos do estudo **“UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE POPULAR E ESCOLAR: PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa e a ao meu filho/a participante do projeto, poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SALVADOR-BA, 21 de Setembro de 2019.



Assinatura do(a) participante

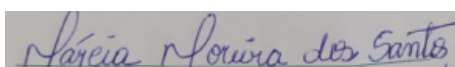


Assinatura da pesquisadora

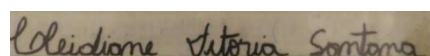
Eu, Marcia Moreira dos Santos, portador do CPF 01734501561, nascido (a) em 15/05/1984, residente no endereço Rua da Independência nº 234e, Boa Vista de São Caetano, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, podendo ser contatado (a) pelo número telefônico (71)98680-8681, fui informado (a) dos objetivos do estudo **“UM DIÁLOGO ENTRE CULTURA DA CLASSE**

**POPULAR E ESCOLAR: PROJETO POPULAR LUGAR DE APRENDER**", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa e a ao meu filho/a participante do projeto, poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SALVADOR-BA, 21 de Setembro de 2019.



Assinatura do(a) participante



Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Orientadora da pesquisa:** Profa. Dra. Sandra Maria Marinho Siqueira

**E-mail:** Sandralemarx@gmail.com

**Endereço:** Faculdade de Educação da Universidade Federal Bahia - Avenida Reitor Miguel Calmon s/n - Campus Canela, CEP: 40.110-100 Salvador - Bahia – Brasil.

**Pesquisador responsável:** Cleidiane Vitoria Santana

**Endereço:** 2 Travessa da formiga 22E, 2 andar, São Caetano, CEP: 40390-225 Salvador – BA, Brasil

**E-mail:** Cleidianevitoria@outlook.com